SÉRIE 3.ª
V.º 16
3.º ANNO
VOZ DE S. ANTONIO
Revista mensal illustrada
Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados.
Abril
1900
XIX
Freitas

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO : *Infamia monstruosa; inconsequencias sectarias.—Uma «blague» que vae correndo mundo; documento forjado; defensores da Igreja... improvisados á ultima hora. — O snr. dr. Bombarda e a sua rhetorica; institutos leigos e asylos religiosos; extranha descoberta; uma arma poderosa para conquista d'almas e de riqueza.*

Os jornaes de Lisboa, dos ultimos dias, referem, permenorisada e minuciosamente, factos, verdadeiramente incriveis e monstruosos, que se téem passado portas a dentro d'um asylo municipal, de Lisboa. São coisas tão infames e ignobeis, que a penna se recusa a referil-as, nem o respeito pelos leitores o consentiria.

No instituto municipal de surdos-mudos recebem-se creanças dos dois sexos, estando actualmente ali asyladas umas quarenta, 8 das quaes do sexo feminino, entre os 8 e os 12 annos de idade. Uma d'estas creanças foi ultimamente a casa da familia; e, quando se chegou a hora de voltar ao asylo, recusou tenazmente, referindo por gestos as infamias e villanias de que lá era objecto. Foi assim que se veio ao conhecimento das torpezas que lá dentro se praticavam. Um infame professor — casado e com um filho — que leccionava as 8 meninas, encerrava-se na escola, fechando-se por dentro, com as infelizes creanças, uma das quaes doida e paralytica, e ali praticava os mais repugnantes attentados.

Não ha ninguem que não condemne similhantes vergonhas, ninguem que não verbere com justissima indignação taes bestialidades. Mas sabem os leitores a conclusão que de tudo isto querem tirar os miseraveis amoucos das chafarricas, os desgraçados que abdicaram da honra, da dignidade, do senso commum, para incondicionalmente se entregarem nas mãos dos mandões das seitas, dos quaes recebem a *palavra de ordem*, — sabem os leitores o que elles deduzem da historia d'aquellas infamissimas miserias ?...

Não se cancem a matutar, porque não adivinham. Ora oiçam a «Vanguarda», que é o mais auctorisado porta-voz dos antros maçonicos :

«E' occasião propria de dizermos que temos sido por varias vezes informados de que em conventos e asylos se téem praticado ultimamente actos que demandam syndicancia. Não tinhamos provas para accusar; porém agora entendemos de nosso dever declarar esse facto e exigir em nome da cidade, envergonhada por tão repugnantes crimes, uma vistoria a todos os internatos, sem escrupulos nem considerações de qualquer especie, por isso que nenhum director de asylo ou regente, cumpridor dos seus deveres, se deve negar a dar todos os esclarecimentos. Quem não deve não teme.»

Ora, é bem que se saiba que se movem altas influencias maçonicas para abafar o caso nefando do asylo de surdos mudos. A regente do asylo e o professor desvergonhado e impudente dispõem de elevada protecção. E, n'este caso, não vêem os leitores que os jornaes sectarios se esforçam propositada e deliberadamente por desviar a questão do seu verdadeiro campo? Pois que tem que vêr o facto passado n'um asylo *leigo*, com a educação ministrada nos conventos e institutos religiosos? Insultar e calumniar estes a proposito de scenas degradantes que n'aquelles se passaram... só de toutiços esquentados de sectarios sem consciencia.

Tartufos e intolerantes...

Diz a «Vanguarda» que não tinha provas para accusar os conventos. A' falta de coisa melhor, agarra-se ao escandalo monumental do asylo municipal, e... *zás:* forja logo este argumento, que é de causar arrepios a uma estatua de marmore :

«Em aaylos leigos passam-se coisas infames; portanto abaixo os institutos religiosos, que são a antithese d'aquelles.»

— Mas não ha provas contra estes...

— Provas ? !... E quem se preoccupa com taes ninharias ?

E' de a gente ficar estarrecida. Não ha provas para accusar, mas vae-se calumniando sempre; atira-se com o barro á parede, alguma coisa irá ficando. Emfim : *é mentir, e mentir sempre, que da mentira nem tudo se perderá.*

— Ha quasi dois annos que os jornaes, mais ou menos enfeudados ás seitas, véem espalhando uma grosseirissima *blague*, que, apesar de formalmente desmentida por mais d'uma vez, vae fazendo seu caminho, e illudindo não poucos ingenuos. Lembrou-se um *quidam* qualquer, em momento de ocio — e quem tem vagar faz colheres — de forjar um documento pontificio, dispensando da guarda do celibato o clero da America latina. A mero titulo de curiosidade damos o texto do tal *documento :*

«Nós, Leão XIII, Papa, pela Graça de Deus, seu vigario na terra :

Derigimo-nos a vós, veneraveis arcebispos, bispos, sacerdotes e fieis da America latina, e levamos ao vosso conhecimento que, depois de termos consultado os veneraveis Padres do Concilio, decretamos :

1.º Considerando que o celibato ecclesiastico não é de direito divino, mas que foi estabelecido e prescripto pelos sabios Concilios dos primeiros seculos da Igreja e pelos nossos predecessores no Pontificado, para dar uma maior pureza á celebração dos santos mysterios, e tambem para assegurar maior zêlo e abnegação da parte dos sacerdotes no cumprimento dos difficeis deveres do seu ministerio — disciplina exigida pelas circumstancias, n'um tempo em que as vocações para o serviço da Igreja eram sem numero;

2.º Considerando que na época presente e particularmente na America as vocações para o sacerdocio rareiam de dia para dia, d'onde o haver grande numero de parochias acéphalas, em prejuizo da fé e do serviço religioso;

3.º Considerando que a causa mais poderosa porque a juventude nascida e creada na atmosphera materialista do presente seculo se afasta do sacerdocio é o celibato ecclesiastico, que, embora revista o sacerdote de prestigio e auctoridade, exige tambem, em verdade, uma virtude e um sacrificio heroicos, para os quaes é precisa uma graça muito especial que nem a todos Deus concede;

Em virtude d'estes ponderosos motivos e depois de termos consultado os padres do Concilio latino americano, declaramos :

Que deixamos aos padres d'essa região, e só em razão de necessidades ineluctaveis entre essas nações e esses povos, a liberdade de contrahir matrimonio, submettendo-se em tudo, sobre essa materia, á disciplina geral imposta pela Igreja aos fieis.

Nem por isso deixaremos de aconselhar pela presente a observação do celibato, como constituindo o estado mais perfeito, o mais santo e o mais digno do sacerdote.

A faculdade assim concedida entrará em vigor no 1.º de janeiro de 1900.

6.º ANNO — N.º 16 | 3.ª SERIE | ABRIL — 1900

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

Papelaria e Typographia Universal
DE AUGUSTO COSTA & PEREIRA

Editor
DOMINGOS JOSÉ DE SOUZA GOMES

SUMMARIO

Surrexit...! — Appêlo que o Rev.mo Provincial dos Franciscanos em Portugal dirigiu aos Rev.os Commissarios e Ministros da Ven. Ordem Terceira de S. Francisco em Portugal. — N. Senhora das Dôres.

I Parte—SECÇÃO DOUTRINAL: Programma do Congresso internacional da O. T. que se vae celebrar em Roma, nos dias 25, 26, 27 e 28 de maio, do corrente anno. — Acção franciscana —A O. T. na igreja de N. S. dos Anjos (Porto)—Santo Protector para o mez de maio.—Virtude a imitar.—Abs. geral.—Indulgencias a lucrar.

II Parte—SECÇÃO HISTORICA: Florinhas de S. Francisco—Pensamentos—Anecdotas.

III Parte — LEITURAS AMENAS: A eleição d'um papa.

IV Parte — CULTO DE S. ANTONIO: Não regateêmos com Santo Antonio. — Novos membros da Pia União. — Braga.— As praticas aos pobres de Santo Antonio. — Lisboa. — Vinhaes. — Os cofres do Pão dos Pobres de Santo Antonio. — Recommendações especiaes. — Os nossos defuntos.

V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: S. Bruno *(Conclusão)*.— Lagrimas *(poesia)*. — Bibliographia. — Revistas & Jornaes.

VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL.

Gravuras: O Descimento da Cruz. — A Mãe do Amor Formoso.—Hospital de Santo Antonio (Porto). — As mulheres no Sepulcro de Christo.

SURREXIT...!

O FACTO deu-se ha seculos, mas a sua memoria perpetua-se atravez dos tempos, que não logram fazel-a esquecer nem destruir a sua efficacia omnipotente.

Deus não muda, e as suas obras, que recebem o caracter divino do seu auctor, são indefectiveis. E' por isso que o triumpho da resurreição de Christo, que elle operou por virtude propria, não se limitou á simples impressão de espanto produzida em toda a Judéa; atravez dos seculos vem produzindo os mesmos effeitos e obtendo os mesmos resultados. Então foi a victoria solemne de Christo sobre os seus inimigos, que o perseguiram de morte e da qual elle resurge glorioso, triumphando, portanto, de todos, e sujeitando-os ao seu dominio. Hoje, essa mesma resurreição é triumpho constante sobre os modernos inimigos de Christo, quer elles tomem o papel de Judas, que atraiçôa, quer o de Pilatos, que condemna conscientemente um innocente, quer o da turba ignara e alvar que a altos gritos repete o *tolle*... *tolle*... da sua lei salvadora ou da sua doutrina santa, quer, emfim, elles se arvorem em defensores da verdade e da lei, mas sómente com o intuito de, como os antigos mestres do povo, os sacerdotes corruptos, melhor propagarem o erro, que tanto mais temivel se torna, quanto mais se parece com a verdade.

Vãos fôram os esforços empregados com manha, arte e violencia, para

abafar a voz que annunciava o facto da Resurreição; e vãos são ainda hoje esses mesmos esforços, mais ardilosos e audazes que os d'outr'ora, para destruir os effeitos da Resurreição, aniquillar a sua obra, ou impedir a marcha do seu triumpho. E' que o *surrexit*... de Christo não foi apenas a victoria do seu poder sobre a morte physica que se havia dado sobre a cruz; foi mais ampla essa victoria. Christo, resurgindo, recebeu o sceptro de rei dos vivos e dos mortos, sceptro que pertencendo-lhe por natureza, de novo lhe pertenceu por direito de conquista. E é contra este sceptro, que nunca poderá ser arrebatado da sua mão omnipotente, que vão de encontro quebrar-se as envestidas e novos ataques dos inimigos da verdade, sellada com o triumpho da Resurreição.

A resurreição de Christo é a prova real da sua divindade, por isso não admira que contra ella se movessem os mais formidaveis ataques de quantos teimosamente pretendiam vêr n'elle um puro homem. Se resurgiu, e por sua propria virtude, era Deus. E é, ainda hoje, este effeito supremo da Resurreição, ou o dominio de Christo sobre todas as cousas, que elle governa como lhe apraz, que mais provoca as iras incandescentes dos inimigos de Jesus.

Não quereriam que Elle dominasse sobre a vida do homem, e que este vivesse quanto demandasse o seu appetite, ou, melhor, até que o gozo do prazer terreno não estivesse saciado. Incommoda-os que, na hora em que menos esperam, venha Christo com o seu dominio sobre a vida, e lh'a arrebate. Quereriam livre e supremo o frouxo lume da razão, de tal sorte que esta fôsse a norma unica das acções do homem, e a sua unica legisladora, theorica e pratica. E incommoda-os que haja uma verdade mais alta, que a razão não attinge penetrar, que haja quem saiba e veja mais a dentro das cousas do que elles, e que não possam prognosticar o futuro senão com meras conjecturas, que só téem, como propriedade certa, o serem falliveis.

Quereriam a liberdade pratica da vida, pela qual fôsse indifferente seguir a norma do bem, ou arrastar-se quaes seres de infima especie, pelo lodaçal do crime. E Christo, resurgindo, destroe, pela base, as chimeras dos que assim pensam. Aos primeiros impõe a confirmação da sua doutrina, que acima da razão colloca a fé, contra a qual não ha raciocinios, nem probabilidades em contrario, obrigando a razão a prestar-lhe solemne e rendida homenagem. Aos segundos diz-lhe que a lei que lhes impoz e que rubricou com seu proprio sangue divino, não é apenas luxo ephemero de legislador irrequieto, é lei cujos transgressores Elle mesmo ha de julgar, e para isso resurgiu Juiz dos vivos e dos mortos. E como é bello e assombroso este dominio de Christo pelo triumpho da Resurreição!

Elle impera, governa, é Senhor, e tudo lhe obedece, embora com reluctancia. O cumprimento da sua vontade divina não reconhece difficuldades. Mas o que mais espanta é que, sendo assim desde a hora da Resurreição, ainda haja nescios que ousam levantar-se contra o dominio absoluto de Christo, contradizer a sua doutrina, e negar obediencia á sua lei! E' que o numero d'elles é infinito, e ha cegos voluntarios, que vendo a luz lhe chamam trevas. Mas não importa, não são estes que véem destruir o dogma da Resurreição, nem, de fórma alguma, diminuir a sua effi-

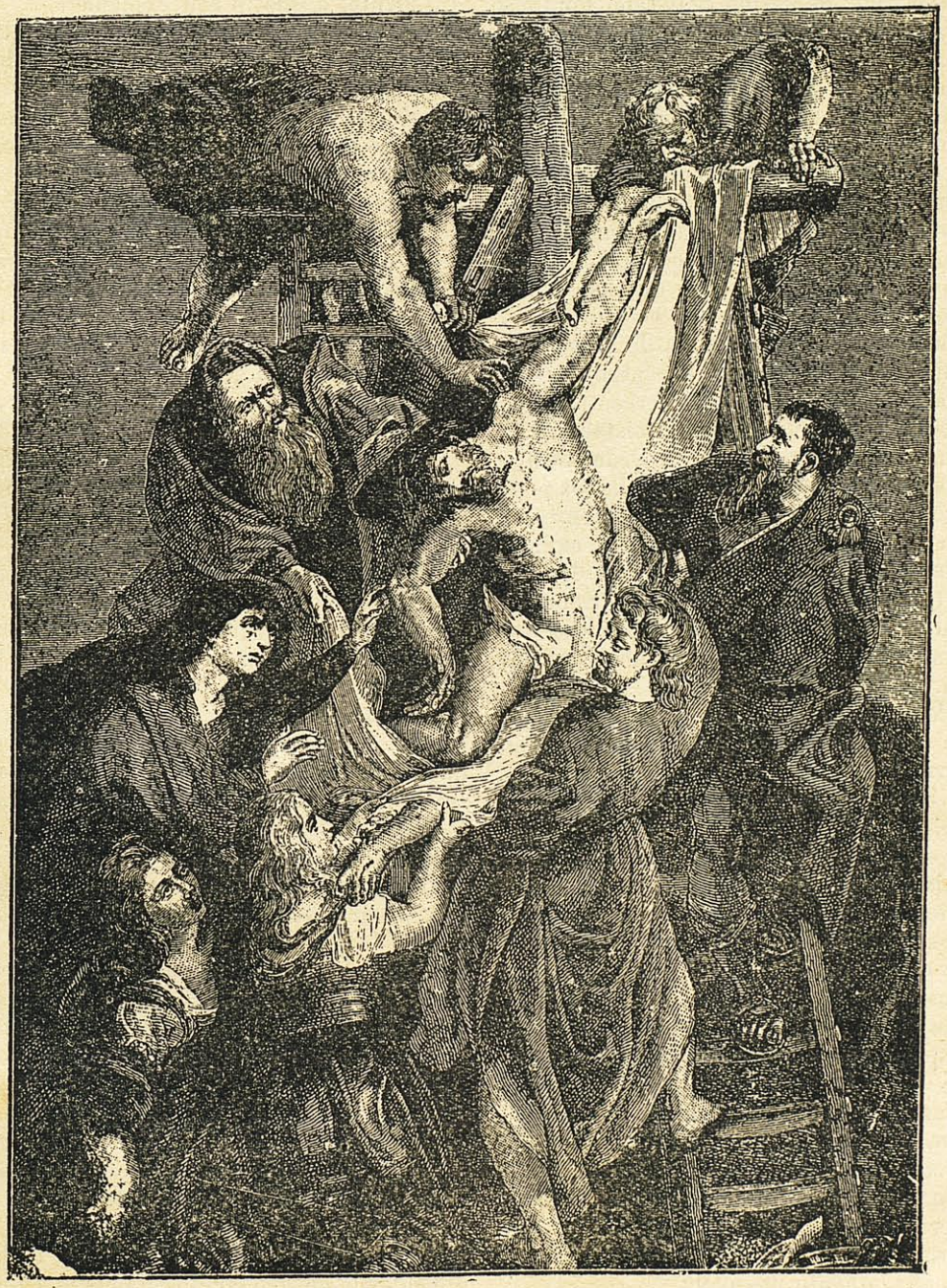
cacia. O *surrexit* de Christo é, e será o mesmo por todos os seculos, e ainda por toda a eternidade, não obstante os seus contradictores, que só servem para mais o affirmar.

APPELLO

Que o Rev.mo Provincial dos Franciscanos em Portugal dirigiu aos Rev.os Commissarios e Ministros da Ven. Ordem Terceira de S. Francisco em Portugal.

Religiosos Irmãos:

O Santo Padre, em carta do Em.mo Cardeal Secretario d'Estado, dirigida aos quatro



O Descimento da Cruz

Superiores Geraes das Ordens de S. Francisco, em 13 de janeiro do corrente anno, exprime o grande desejo (vehementer optat....) que o projectado Congresso Geral da Ordem Terceira, que, no presente anno jubilar, deverá celebrar-se em Roma, nos dias 25, 26, 27 e 28 de maio, attinja os altos fins a que visa, e seja coroado do melhor exito social e religioso, que o mesmo Soberano Pontifice espera vêr realisado. Para nós, catholicos, e sobretudo para os Filhos de S. Francisco, que professam especial obediencia ao Vigario de Jesus Christo, é imperioso dever secundar omnimodamente os mais leves desejos do Pae Commum de todos os christãos.

Ora, para obter o pleno resultado do proximo Congresso Geral da Ordem Terceira, torna-se necessaria a coadjuvação de *todos* os Irmãos Terceiros, que, a milhares, se acham dispersos *por todo o mundo*.

Portugal, que se orgulha de Reino Fidelissimo, e onde tanto prosperou, como em paiz algum, a Ordem Terceira de S. Francisco, como claramente attestam ainda as venerandas reliquias d'esta Ordem, espalhadas pelo paiz, como padrões da sua pristina grandeza, não póde deixar de prestar o seu concurso para o bom exito e explendor do Congresso; e, d'esta sorte, dar publico testemunho de que a voz do Supremo Pastor é dôcemente escutada por quantos prezam ainda a qualidade de filhos da lusa nação.

N'este intuito, assim em razão do cargo de que me acho investido, como tambem pela viva recommendação que me foi feita pelos Superiores Geraes da Ordem de S. Francisco, é meu dever dirigir este appêllo publico a todos os membros da Ordem Terceira em Portugal, e d'um modo especial aos Rev.^{os} Commissarios e Venerandos Irmãos Ministros das diversas Confraternidades da mesma Ordem, rogando-lhes instantemente que, para gloria da Ordem Terceira e bom nome do nosso paiz, se dignem corresponder ao seguinte convite:

1.° Fazerem-se representar no Congresso ou, pelo menos, enviar a sua adhesão.
2.° Coordenar uma breve memoria, destinada ao Congresso, sobre a Confraternidade da Ordem Terceira a que presidem ou pertencem, na qual se exponha, quanto possivel:
a) data da fundação da Ordem.
b) numero de irmãos que actualmente conta.
c) obras de caridade ou piedade que estão a seu cargo, como hospitaes, asylos, escolas, etc. indicando o numero dos soccorridos.
d) exercicios religiosos, solemnidades etc., que na Ordem se praticam annualmente, e qual o seu explendor.
e) se a nova reforma da Ordem, estabelecida por LEÃO XIII, é fielmente observada, e, em caso negativo,
f) quaes os motivos que têem obstado á sua execução, e como remover esses obstaculos.
3.° Desejam, finalmente, os Superiores Geraes da Ordem, bem como os organisadores do Congresso, offerecer ao Santo Padre um pequeno obulo para o *dinheiro de S. Pedro*, não só como lembrança do anno jubilar, mas sobre tudo como modesta prova de amor filial dos membros da Ordem Terceira para com o Santo Padre, e em agradecimento da especial predilecção que Sua Santidade tem mostrado, em todo o Seu Glorioso Pontificado, para com esta Ordem.

Por isso recommendam que se faça uma collecta entre *todos* os membros da Ordem Terceira, a qual será remettida ao Superior Geral da Ordem de S. Francisco, em Roma, no Convento de S. Antonio, Via Merulana 124, onde será celebrado o Congresso. E' indubitavel que a collecta recolhida entre os Irmãos da Ordem Terceira em Portugal póde ser consideravel, se *todos* concorrerem com a sua quota, ainda que muito pequena.

Parecerá exagerado o que nos pedem, para levar a bom exito o grande Congresso Geral da Ordem Terceira?

Creio que não; mas se alguem entre nós assim o julgar, recorde-se da admiravel manifestação da vida catholica que vae nas outras nações, onde se não recua deante dos maiores sacrificios, quando se trata do bem commum, e de dar publico testemunho da firmeza das suas crenças; e, ao menos d'esta vez, não queiramos dar triste idéa de nós, perante o mundo inteiro!

Como póde acontecer que algumas Confraternidades da Ordem Terceira tenham difficuldade em enviar directamente a Roma as suas adhesões, memorias, obulos etc., de

bom grado me ponho á sua disposição para ser o portador de quanto se dignarem mandar-me. Terei summo prazer em apresentar, pessoalmente, ao Congresso os nobres sentimentos do povo portuguez, e exprimir, no seio d'aquella assembléa universal, a solidariedade dos membros da Ordem Terceira em Portugal, com os seus irmãos de todo o mundo, que militam debaixo da mesma bandeira: a do Seraphim de Assis, e aspiram ao mesmo ideal sublime: a perfeição christã, no seio da familia.

Deporei igualmente aos pés do Santo Padre os protestos de incondicional adhesão á Cadeira de S. Pedro que lhe enviam todos os filhos de S. Francisco, em Portugal, e serei feliz de poder dizer ao Successor de S. Pedro que em cada um dos Terceiros portuguezes ha um coração que O ama ternamente, como a pae querido, que O respeita como a representante de Christo na terra, que ouve docilmente a Sua voz infallivel e acata, sem reserva, os seus preceitos de Legislador Supremo.

Devo porém declarar que, tencionando partir para Roma no dia 12 do proximo mez de maio, é indispensavel que as Ordens Terceiras que desejarem utilisar-se de qualquer serviço que eu possa prestar-lhes, se dignem enviar-me as suas declarações até ao dia 8 do referido mez, para Braga, ou para Lisboa, Travessa da Amoreira, 16, até ao dia 10 de maio.

Braga, Collegio de S. Boaventura (Montariol) abril de 1900.

FR. JOÃO DA SS. TRINDADE

Superior dos Franciscanos.

N. Senhora das Dôres

A christandade em geral e no povo portuguez principalmente, uma das devoções mais arraigadas é, por certo, a que se presta ás Dôres da Mãe Santissima.

Já não me quero referir aos tempos antigos, em que essa devoção, como tambem ao Senhor Morto e ao SS. Sacramento, tinha culto e sanctuarios especiaes. Ainda hoje, apesar de tudo que se tem feito para amortecer a piedade, que tanto nos distinguiu em outras eras, ainda hoje, digo, é commovente a devoção do nosso povo pela Soledade de Maria.

Na Sexta-Feira Santa o povo e o geral dos christãos, e até os menos zelosos, accorrem ao templo para ouvirem com visivel interesse e devoção o sermão da Soledade. Todos téem uma lagrima ou um suspiro pela desolada Mãe de Jesus.

Se as manifestações affectivas derivam do temperamento de cada raça, nenhuma como a nossa está melhor fadada ao sentimento de condolencia e sympathia pelas Dôres de Maria. Povo naturalmente meigo e amoroso, tanto o seu lyrismo como a sua religiosidade possue o cunho de uma dolente e amorosa magia. Ninguem chora como o portuguez, nenhum povo sente como nós esse *gosto amargo dos infelizes*, que se chama a *saudade*. Em nenhuma lingua se escreveu ainda os *Trabalhos de Jesus*, com aquelle amor e carinho todo feito de intrinseca saudade. Por isso digo, será difficil arrancar de nós a fé e o terno amor que nutrimos pela dolorosa Mãe do Redemptor. Aqui mesmo, em Santarem, terra que um proloquio popular qualifica de muita maldade, a festa da Senhora da Piedade, na historica capella, é concorridissima e de verdadeira devoção. Dizem-me que antigamente, no Seminario, se fazia o Septenario das Dôres e que a essa devoção a concorrencia era extraordinaria e brilhante. E' pena que acabassem com uma festa tão sympathica ao nosso povo e de tão salutares effeitos para a nossa alma.

Com effeito, se, como diz um santo, mais vale uma lagrima vertida pela Paixão do Senhor do que quantas penitencias pudessemos fazer, é bem certo que a devoção pelas Dôres de Maria é quasi a mesma coisa. Insensivelmente pela contemplação das Dôres de Nossa Senhora nós chegamos aos soffrimentos do seu amado Filho. E é tão portuguez esse culto pela Virgem Mãe das Dôres!...

Maria, na verdade, cheia de graça, tão bella e tão pura como Deus a creou, é e será sempre o ideal de candura e de elevação esthetica, que tem inspirado as bellas obras de arte christã. Raphael ou Murillo, Dante ou Petrarcha e tantos beberam a inspiração das suas obras immortaes n'aquella a quem a lua beija os pés e as estrellas recamam o cabello. Até Camões na sua incomparavel pintura da Venus pagã, não pôde furtar-se ao encanto da Virgem retratada no fundo da sua alma de crente.

Se por um lado a ineffavel pureza de Maria tem sido o inexgotavel caudal de celestes inspirações, a compaixão pelas suas Dôres possue o condão de nos tocar o coração com o arrependimento e dôr dos nossos peccados. Maria é nossa Mãe mais pela sua cooperação dolorosa na Redempção do que por outro qualquer titulo. O proprio Deus, seu Amado Filho, assim o proclamou junto á Cruz: *ecce mater tua!*

A Igreja proclama-a Rainha dos Martyres, e foi o de certo porque soffreu toda a sua vida pobre, trabalhosa e afflicta. Soffreu em si e por si, fraca e delicada donzella; soffreu como esposa as suspeitas de José; soffreu como mãe a pobreza e trabalhos do seu filho; soffreu como creatura, *cheia de graça*, o que ninguem padeceu pelo mysterio da Redempção. Os mysterios que Ella revolvia no seu coração purissimo e amantissimo, n'esse coração que, como nenhum, conhecia e amava o seu Deus, ficaram sempre occultos aos simples mortaes. Ella tão santa e intimamente se associou á obra da Redempção, que todos os santos a julgam investida de uma especial missão junto

aos homens. Pela sua Dôr é que Ella, por assim dizer, esfria a ingratidão dos maus christãos e impetra do seu Filho as graças necessarias para a renovação do Seu Espirito na escolhida familia do Crucificado. Ella acalma a justiça do Salvador pelos meritos da sua dôr, que é como que o nosso arrependimento e a nossa solidariedade na Paixão de Jesus. Ella é a creatura que o Redemptor escolheu para interpretar a nossa dôr e reparar os nossos ultrajes perante o Seu throno de justiça. Bemditas Dôres! Bemdita a Mãe Dolorosa!

Eu piamente creio que não póde haver virtude nem verdadeiro christianismo sem a devoção de Maria, e isto simplesmente porque Deus assim o quer. O Filho quer glorificar a Mãe na sublime missão de ser Mãe nossa, como Deus-Pae O glorifica a Elle depois de ser nosso irmão. Jesus entregou a Maria o destino das nossas almas com toda a effusão do Seu amor e com todos os poderes da Sua omnipotencia soberana. Maria é a Rainha poderosa e benefica dos céos, da terra e dos infernos: dos céos, porque manda nos espiritos celestes; na terra, porque põe e dispõe dos dons que Deus confiou á Igreja; dos infernos, porque doma e afasta de nós o espirito maligno. A SS. Trindade compraz se nas prerogativas, no poder, nos dons que Ella usufrue a titulo da sua maternidade e protectora dos christãos.

Que Nossa Senhora, pois, nunca se esqueça de nós, ou antes, que Ella sempre nos alcance a graça de nunca nos esquecermos d'Ella, sobretudo na hora amarga da tentação e n'esse ultimo combate da morte, tão perigoso e terrivel.

Bom signal é de uma alma christã o ser devota de Maria, e o melhor signal d'essa devoção é o implorarmos sempre a Deus que nos inspire e fortifique na pratica salutar de recorrermos na vida e na morte ao auxilio da poderosa e benefica Mãe de Jesus.

Pia mater fac ut ardeat cor meum in amando Christum Deum, ut tibi complaceam.

F. A.

SECÇÃO DOUTRINAL

PROGRAMMA

Do Congresso internacional da Ordem Terceira, que se vae celebrar em Roma, nos dias 25, 26, 27 e 28 de maio, (1) ***do corrente anno, sob a presidencia do Cardeal Vives, franciscano.***

Appêllo dos Ministros Geraes da Ordem franciscana, a todos os Provinciaes

«O Santo Padre Leão XIII dignou-se acolhêr, de bom grado, os desejos de alguns Terceiros, que desejavam reunir um Congresso geral da sua Ordem em Roma, durante o anno santo, a fim de a tornar mais conhecida do povo christão, e que possa vir a produzir os mais abundantes fructos, para salvação das almas e felicidade de toda a humanidade. Por isso, em carta de 13 de janeiro ultimo, que nos dirigiu o eminentissimo Cardeal Rampolla, secretario de Sua Santidade, ordena-nos Leão XIII que preparemos, e disponhamos tudo que respeita ao melhor resultado do Congresso.

«Nada para nós de maior satisfação, que sujeitarmo-nos ás ordens da Santa Sé, e obedecer, com a maxima submissão, ás mais ligeiras indicações da sua vontade. Além de que, o que se nos ordena cederá, como esperamos, em bem da Ordem Seraphica. Apresentamos no programma, como facilmente se deprehende dos seus titulos, tudo que, em tão breve tempo, julgamos poder fazer-se, attendendo ao conselho de todos os nossos.

«E, estando firmemente persuadidos que, da diligencia e empenho dos Ministros Provinciaes, sobremaneira depende o feliz exito do Congresso, exhortamo-vos encarecidamente, a que, mediante os sacerdotes encarregados da direcção da Ordem Terceira, notifiqueis aos Terceiros a futura celebração do Congresso, e com vossas palavras, vossos conselhos e vossa cooperação, lhes faciliteis o meio de emprehender a viagem a Roma.

«Muitos são os motivos que impellem os Terceiros a dirigir-se a Roma; a todos elles estão abertos aqui os thesouros das indulgencias; o sepulcro venerando dos apostolos; a satisfação que sentem os verdadeiros catholicos ao pisar estes logares, donde, com suavidade e energia, se diffundem os raios da verdadeira luz, por todas as regiões do globo. Porém, o motivo principal, é a vontade e o amavel reclamo, que o Summo Pontifice dirige aos Terceiros. Julgamos inutil trazer-vos á memoria os beneficios, que toda a familia franciscana tem recebido d'aquella fonte. Sendo, além d'isso, o Santo Padre Leão XIII restaurador da Ordem Terceira, como todos com razão o chamam, nada mais justo nem mais natural que, para manifestar o seu reconhecimento, *se dirijam em tropel a Roma*, e assistam ao Congresso, do qual o Summo Pontifice espera renasçam novas e grandes forças, pa-

(1) Noticias posteriores, cuja authenticidade não podemos garantir desde já, dizem que foi addiada a celebração do Congresso para os dias 28, 29 e 30 de setembro.

ra bem da Ordem Terceira. Deve isto, como julgamos, ser muito grato ao Santo Padre, porquanto, reunidos em sua presença os Terceiros de todo o mundo, verá, com os seus olhos os fructos do seu empenho e da sua solicitude, e, d'ahi, nascerão novas esperanças para a Igreja, n'estes tempos calamitosos.

«Como prova da nossa benevolencia, damo-vos, a vós, e a todos os filhos do nosso seraphico patriarcha S. Francisco, a benção seraphica.

Roma, 11 de fevereiro de 1900.

Fr. Felix Pio Cecca, Min. Geral da Ordem Terceira Regular.
Fr. Bernardo Andermatt, Min. Geral dos Frades Menores Capuchinhos.
Fr. Lourenço Caratelli, Min. Geral dos Frades Menores Conventuaes.
Fr. Luís Lauer, Min. Geral dos Frades Menores.

Advertencias

1.° E' inteiramente prohibido tudo que toca á politica, ou não se refere á Ordem Terceira.

2.° Quem desejar falar nas sessões, quer nacionaes, quer geraes, tem que apresentar um exemplar do discurso, antes de 30 de abril, no Collegio de S. Antonio, Roma, via Merulana, 124, séde da organisação do Congresso.

3.° Os discursos não devem durar mais de vinte minutos; portanto, os oradores devem procurar falar com clareza e brevidade.

4.° Nas sessões geraes, os oradores falarão em francez ou italiano; nas nacionaes, usarão, como official, da lingua patria.

5.° Os oradores tratarão, de preferencia, de assumptos que respirem a caridade seraphica.

6.° Roga-se ás Fraternidades da Terceira Ordem, que enviem as esmolas para o dinheiro de S. Pedro e para os gastos do Congresso, ou ao Collegio de S. Antonio ou aos Ministros Geraes.

A Constituição «Misericors Dei Filius» e as decisões dos precedentes congressos da Ordem Terceira.

Ha já cêrca de dez annos, que os Terceiros da Belgica, da França, da Italia e da Inglaterra, se reunem em assembléas solemnes, para tratar dos interesses da Ordem. Na Allemanha téem um logar particular nos Congressos nacionaes. O Congresso de Roma coroará os precedentes, abrirá caminho a ulteriores emprezas, e avigorará mais as forças da Ordem, pois que tem por fim, pôr as decisões dos congressos anteriores de accôrdo com a Regra approvada pelo Summo Pontifice. Assim, apparecerão unidos e congraçados amigavelmente, os preceitos de S. Francisco e os documentos pontificios.

PRIMEIRO DIA

A Regra

Principio fundamental, ou natureza e fim da Ordem Terceira

Acêrca da Ordem Terceira franciscana, Leão XIII declarou solemnente: «Nada se tirou da sua natureza, e queremos se conserve inteira e immutavel».

«Ora, a natureza e o fim da Ordem Terceira, consiste em dispôr os meios, com os quaes os que vivem no mundo adquiram e restabeleçam os costumes justos, integros e religiosos, e preparem assim, em particular e em publico, o retorno de toda a humanidade a Jesus Christo, *que póde salvar eternamente, aquelles que, por elle, se approximam de Deus* (Constit. *Misericors Dei Filius.)* O santo Fundador d'este instituto, não pretendeu senão fazer observar uma vida mais christã (Ibidem).»

CAPITULO PRIMEIRO

Da admissão, noviciado e profissão

Propagação da Ordem. Obediencia ao Papa. Reverencia aos prelados da Igreja. Noviciado e exame.

1.° *Propagação.* — Não póde a Ordem Terceira produzir os fructos que d'ella espera a Santa Sé, se não se propagar, e penetrar em todas as classes da sociedade. Incumbe, pois, conforme aos desejos da Igreja, a todos os Terceiros e Terceiras, approveitar todas as circumstancias para recrutar novos membros, assim no palacio do rico, como na officina do operario, e em qualquer logar que frequentem. E, para melhor fazer conhecer este salutar Instituto, importa que os Terceiros falem frequen-

temente das suas qualidades e vantagens, e que façam bem publica a sua utilidade para a restauração dos costumes christãos.

2.° *Obediencia ao Papa.* — O seraphico patriarcha, divinamente inspirado, prometteu *obediencia* e *reverencia* ao soberano pontifice, vigario de Christo na terra, e ordenou, a todos os seus discipulos, que n'isto o imitassem perfeitamente.

Que nunca seja, pois, admittido na Ordem, quem não tenha uma fé provada, e uma obediencia inteira para com a Santa Sé. Todos devem estar promptos a abraçar o que ella ensina e manda, não só em materia de fé e costumes, mas ainda qualquer aviso ou conselho.

3.° *Reverencia aos prelados da Igreja.* — Que todos os Terceiros prestem, aos prelados da Igreja, as honras e respeitos que lhes são devidos, segundo as leis da jerarchia ecclesiastica.

4.° *Noviciado e exame.* — Que durante o tempo do noviciado, os noviços se penetrem, e comprehendam praticamente a Regra e o espirito seraphico que d'ella deriva, e que se exercitem na disciplina, e nos usos da Fraternidade.

Para que qualquer seja admittido á profissão, deve mostrar, por obras, signaes certos da sua vocação e ser examinado sobre a Regra. Sem estas condições não poderá ser admittido.

SEGUNDO DIA

CAPITULO SEGUNDO

Conducta da vida

O luxo. Obras de piedade. Jornaes. A vida publica. Obras de caridade. Condição dos operarios. Obras economicas.

1.° *O luxo.* — Os Terceiros terão todo o cuidado de observar escrupulosamente os preceitos da Regra contra o luxo, os bailes, os espectaculos e os banquetes licenciosos.

«Que na comida e na bebida guardem a frugalidade»; e, para melhor guardar o espirito da Regra, procurem sustentar e fomentar, conforme a necessidade, as *Sociedades de temperança.*

As irmãs Terceiras, sobretudo, devem declarar guerra sem tréguas ao luxo, que enerva os costumes, dilapida o peculio e os bens da familia por gastos immoderados, e se oppõe grandemente ás obras do apostolado catholico. Ellas terão um cuidado particular em collocar o crucifixo no logar de honra em sua casa, principalmente na sala de visitas. Ensinarão e darão tambem a seus filhos exemplo de simplicidade, de amor ao trabalho, e de espirito de caridade.

2.° *Obras de piedade.* — Os Terceiros, não se contentarão com frequentar os sacramentos, e recitar o officio como manda a Regra, mas, se as circumstancias o pedirem, filiar-se-ão nas diversas confrarias da *Adoração nocturna*, da *Communhão semanal dos homens*, ou n'aquella que tem por fim *acompanhar o Sagrado Viatico.*

Quando assistirem ás exequias dos defuntos, recitarão com piedade todas as orações, e, em logar das corôas de flôres, que os costumes profanos téem introduzido, offerecerão por elles a santa missa.

No seio da familia, farão os terceiros as suas rezas e a oração em commum, e rogarão pelas almas dos seus defuntos.

3.° *Jornaes.* — E' necessario trabalhar por fazer desapparecer completamente os periodicos maus, e abrir as nossas casas e as de nossos amigos, aos jornaes que combatem pela familia, pela patria e pela Igreja. Assim penetrará o espirito genuinamente christão na familia e na sociedade.

4.° *A vida publica.* — Os Terceiros não devem, como puros solitarios, abster-se de tudo que respeita á vida publica; devem, ao contrario, trabalhar, com todas as forças, por fazer prevalecer os direitos de Deus e da Igreja, para bem da familia e da sociedade.

5.° *Obras de caridade.* — Que os Terceiros, penetrados do espirito de caridade, tenham horror á discordia, e não percam o minimo ensejo de fazer reinar a paz no coração dos christãos.

Os laços que unem os Terceiros devem fortificar se mais e mais, e os que estão isolados devem participar das obras de caridade, de piedade e de apostolado da sua Fraternidade.

6.° *Obras economicas.* — Os Terceiros devem meditar o espirito e os exemplos de S. Francisco, que se poz ao serviço dos pobres e dos humildes. Auxiliarão por isso, e favorecerão com todas as suas forças, as obras cujo fim é moderar o trabalho, segundo os principios da equidade e da caridade christã, e oppôr-se ou remediar todas

as calamidades, que provéem de todas as vicissitudes publicas e particulares.

Além d'isto, os Terceiros farão uma obra boa se, para proteger os operarios e os camponezes contra a usura, fundarem para elles sociedades de *Soccorros mutuos*, com o consentimento sempre da Igreja; ou se auxiliarem e fomentarem, com seus cuidados e com seus conselhos, as que já estão fundadas.

As irmãs Terceiras porão grande empenho em ensinar a religião christã a todos os seus filhos, criados e até a seus maridos. Ensinarão a todos o cathecismo no lar, de modo que elles experimentem, quasi sem o saber, os beneficios da religião christã, e adquiram todos uma sólida educação.

7.° *A condição dos operarios e a encyclica «Rerum novarum»*. — Os irmãos procurarão, á medida das suas forças, e sob a direcção de chefes legitimos, cooperar na restauração social, inaugurada por Leão XIII, o augusto protector dos operarios.

Duas são pois as coisas a fazer, *estudar e trabalhar*, segundo as forças de cada um; para isto, filiar-se-ão, e ajudarão com o seu concurso, por todos os modos, as sociedades que se dedicam aos preditos estudos, e trabalham por fazer praticar, no commercio e na industria, as leis da equidade.

TERCEIRO DIA

Dos cargos, da visita e da Regra

A Fraternidade. O discretorio. As reuniões mensaes. União dos irmãos. Os Terceiros e os Visitadores.

1.° *A Fraternidade.* — Quando dois ou tres irmãos, habitarem em o mesmo logar ou parochia, procurarão alistar novos membros, dotados de auctoridade e de zêlo, que, por sua vez, trabalharão tambem no desenvolvimento da Ordem Terceira. Depois, entendam-se com os seus parochos, e estes com os superiores de que fala a Regra, para a erecção d'uma fraternidade.

2.° *O discretorio.* — Cada fraternidade, canonicamente erecta, deve ter o seu discretorio, para a governar conforme a Regra. E' muito para desejar, que cada parochia tenha a sua fraternidade, ou uma só para os irmãos e irmãs, ou distincta, segundo as circumstancias; tendo cuidado de não prejudicar, com isto, as fraternidades já existentes. Assim, uns despertariam a emulação nos outros, e todos desenvolveriam maior zêlo e fervor.

3.° *Reuniões mensaes.* — Todos os irmãos e irmãs procurarão assistir a ellas, como indica a Regra.

4.° *União dos irmãos.* — Afim de que, sem prejuizo algum da jurisdicção, os Terceiros d'uma mesma cidade, diocese ou região, sejam um só coração e uma só alma, os directores e os ministros poderão reunir-se todos os annos, para tratar principalmente das questões geraes, que interessam á Ordem Terceira.

5.° *Os Terceiros e os Visitadores.* — Os ministros dependem do visitador, a quem pedirão, a seu tempo, com o conselho e approvação do director, o beneficio da visita canonica.

Todas as vezes, que um sacerdote franciscano fôr prégar a um logar, onde estiver estabelecida uma fraternidade, os ministros devem pedir-lhe, que dê e lance sobre a fraternidade as bençãos do seu ministerio; porém, sem prejuizo de *jurisdicção*.

APPENDICE

Os Sacerdotes Terceiros

Pareceu-nos util uma reunião particular dos sacerdotes Terceiros, para maior diffusão de Ordem Terceira nas parochias, nos seminarios, nos collegios, etc.; e para a fundação, com o consentimento dos bispos, de fraternidades sacerdotaes. Para este fim, apresentamos aqui alguns pontos a discutir. Mais tarde, indicaremos o tempo e o logar d'estas reuniões.

1.° *Propagação.* — «Empenhae-vos em fazer conhecer a Ordem Terceira, e aprecial-a como merece. Fazei que os que tem a seu cargo a direcção das almas, ensinem aos fieis em que ella consiste; mostrem como ella está ao alcance de todos; publiquem os seus grandes privilegios, para a salvação das almas, e a sua utilidade summa, para a vida particular e publica.» (Encycl. *Auspicato*, 18 set. 1882.)

Os prelados da primeira e da terceira Ordem regular, bem como os sacerdotes Terceiros, que téem entrada nos seminarios e nos collegios, tratem, com os seus directores, para estabelecer fraternidades entre os seus alumnos. Os Terceiros, quer estu-

quencia d'ella, reina ali o verdadeiro espirito franciscano. Os irmãos não se envergonham, antes muito se honram, de chamar-se *franciscanos*, e filhos de S. Francisco. Frequentam em avultado numero, e com exemplar recolhimento o espirito de piedade, os exercicios religiosos que se realisam na sua capella. A' reunião mensal, particularmente, são raros os que faltam; e quando algum é justamente impedido de a ella assistir, não se esquece de prevenir o Padre Director, aliás arriscar-se-á a ser considerado por elle como Terceiro *isolado*, que é o maior e mais duro castigo que póde infligir lhes.

Na frequencia dos Sacramentos são de uma assiduidade e fervor que consola e edifica. Na igreja de N. Senhora dos Anjos as communhões sóbem diariamente, em média a cêrca de cem, havendo dias em que o seu numero é muito mais avultado.

Quem nos dera que em Portugal fôssem bem numerosas fraternidades assim! Quem nos dera que de todos os Terceiros portuguezes se pudesse dizer o que d'estes nos disseram: que em qualquer parte que appareçam no Porto, em qualquer acto do Culto em que tomem parte, se dão logo a conhecer pelo seu recolhimento, fervor e piedade. E' assim que imitam seu glorioso Patriarcha S. Francisco, do qual se conta que só o seu apparecimento em publico, era a mais eloquente e fructuosa prégação.

Congratulo-me vivamente com os membros da Ordem Terceira de Nossa Senhora dos Anjos, e em particular com seu digno Director, o Rev.º Snr. Padre José Pinto de Moura.

*

As solemnidades da Semana Santa realisaram-se n'esta igreja, com modesto apparato sim, mas com edificante fervor e piedade, e grande concorrencia de fieis. No Domingo de Ramos benção das palmas, com procissão, etc. De tarde, como era este o segundo domingo do mez, houve a reunião mensal dos Terceiros, que vieram muito numerosos alguns até de bem longe.

Na quinta-feira commungaram, segundo nos affirmaram, talvez mais de 500 pessoas! Ao *lava-pés* praticou este acto de humildade christã o rev.º Padre Director, sendo lavandos doze irmãos da Ordem Terceira. Da quinta para a sexta foi o Santissimo Sacramento de continuo velado por irmãos Terceiros, que espontaneamente vieram mesmo de noite, prestar este testemunho de seu amor a Jesus Sacramentado.

A concorrencia de fieis que visitavam a igreja durante todo o tempo da exposição eucharistica, era muito numerosa. E mais numerosa era ainda em assistir aos sermões, na quinta-feira, na sexta-feira depois das solemnidades da manhã e ao cerrar da noite, e no domingo á tarde.

Tudo emfim, muito edificante e consolador. Tanto mais, quanto é tristemente certo que estes espectaculos de fé sincera e piedade convicta vão dia a dia rareando cada vez mais, ainda mesmo nos logares que mais blasonam de religiosidade e fervor...

Na segunda-feira, 16, coincidindo n'esse dia o anniversario da profissão de S. Francisco, houve a convite do Director, a solemne renovação, de profissões, a que assistiram bastantes membros da fraternidade, que tambem commungaram, na sua quasi totalidade.

Permitta o céo que este fervor não venha nunca a resfriar, antes dia a dia se augmente com novos ardores.

Santo Protector para o mez de maio

S Felix de Cantalicio, *Capuchinho (18 de maio)*. — Nasceu em 1513. Seus primeiros annos revelaram n'elle uma alma de predilecção. Entrou ainda novo na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, na Provincia de Roma, e, a poucos mezes de professo, foi-lhe confiado pelos Superiores o tão espinhoso encargo de mendigar, de porta em porta, as esmolas para sustento da communidade. Foi esta a sua occupação por 40 annos, durante os quaes se tornou, com S. Felippe Nery, o homem mais venerado e popular de toda Roma.

Mendigando, ia sempre de rozario na mão, e em santo recolhimento. Era particular devoto da Mãe de Deus, e mereceu receber em seus braços o Menino Jesus. Atravessando as praças ou percorrendo as ruas e caminhos, ia sempre convidando os meninos que encontrava a que repetissem o nome de Jesus, ou estas palavras que lhe eram familiares: *Deo gratias*. Era d'uma austeridade incrivel em suas penitencias e jejuns. Falleceu em 1587, na idade de 74 annos.

Virtude a imitar

A devoção á Virgem Maria Nossa Senhora. — E' uma feição caracteristica de todos os Santos. E com justificada razão: Jesus é o principio de nossa salvação e de nossa vida espiritual, sem elle, para tudo seremos impotentes e «nada poderemos fazer», como elle mesmo nos diz.

Mas são tantas as miserias de nosso coração, tão asquerosas as chagas de nossa alma, tão repellente, por vezes o estado em que se encontra nosso espirito, que nos fallecem as forças para approximar-nos de Jesus a implorar-lhe o perdão e misericordia, e sentimos como que um secreto palpite de que sua justiça ha de repellir-nos indignada. Que fazer em conjuncturas taes? Recorrer a Maria, para que seja medianeira e intermediaria nossa para com seu Filho, assim como este o é junto do Pae. E, com certeza, seremos attendidos. O que não poderá o coração d'uma mãe? O que não conseguirão os seus rogos? Que obstaculos não vencerá o seu amor?... E Maria é mãe nossa, e mãe de Jesus. *Mãe nossa:* ella nos ama e estremece, e ha de interessar-se por nossa causa. *Mãe de Jesus:* ella é omnipotente junto do coração de seu Filho e o braço da justiça divina não cairá sobre nós se ella se interpozer em nosso favor.

Absolvição geral

Dia 24 — Ascensão de Nosso Senhor.

Indulgencias a lucrar

Plenarias :

1 — No dia 17, S. Paschoal Baylão, da 1.ª Ordem :

2 — No dia 20, S. Bernardino de Sena, da 1.ª Ordem.

Parciaes :

1 — Em cada dia do mez, 300 dias de indulgencia e 207 quarentenas.

2 — Nos dias 4, 11, 18, 25, 100 dias de indulgencia.

3 — Nos dias, 5, 6, 12, 13, 19, 20, 26, 27, 198 annos e outras tantas quarentenas.

Para lucrar estas indulgencias, requer-se a visita d'uma igreja franciscana, ou d'outra qualquer ordem mendicante, e que se rezem ahi tres *Padre Nossos*, tres *Ave Marias* e tres *Gloria Patri*, em honra da SS. Trindade.

Os fieis que visitarem uma igreja franciscana, e orarem ahi pela intenção do Santo Padre, pódem lucrar 102 annos de indulgencia e outras tantas quarentenas.

A devoção universal para com a Mãe de Deus é demonstração digna do amor filial que lhe consagra o povo christão Entre todos os mezes do anno, a fé e amor dos fieis escolheu o mais lindo e encantador qual é o de maio, offerecendo á Rainha das Virgens um ramalhete de flôres que, ligado com os laços das affeições puras dos corações christãos, constitue a homenagem mais digna com que mais se honra a que foi constituida Rainha dos Anjos, advogada Mãe dos pobres peccadores.

A Santa Igreja, sempre sollicita do maior bem de seus filhos protegeu sempre esta devoção para com a Mãe dos homens. Abrindo o thesouro das indulgencias concede a todos os fieis que assistirem aos exercicios do mez de maio, trezentos dias de indulgencia em cada dia do dito mez, e uma *plenaria* em qualquer dia do dito mez á escolha dos fieis, contanto que se confessem e commungem n'esse dia, e orem pelas intenções do Santo Padre. Porém os que não poderem fazer isto no mez de maio, lucram a mesma indulgencia no 1.º dia de junho, por concessão do Summo Pontifice Pio IX de saudosa memoria.

Além de todas estas indulgencias podem os Irmãos Terceiros lucrar mais as seguintes:

Uma plenaria em qualquer dia do mez, á sua escolha ; outra no dia da reunião mensal nas condições ordinarias: outra plenaria na hora da morte, invocando o *SS. Nome de Jesus* com a bocca, e não podendo assim, invocando-o só mentalmente; mais uma vez nos dias acima notados em que se dá a absolvição geral ; igual indulgencia ganha quem rezar cinco vezes o *Padre Nosso, Ave Maria* e *Gloria Patri* pela liberdade da Igreja ; finalmente tantas indulgencias plenarias, quantas as vezes que rezarem a *Estação do SS. Sacramento*, isto é, seis *Padre Nossos*, seis *Ave Marias* e seis *Gloria Patri*, com todas as mais indulgencias de Roma, Logares Santos, Assis e Compostella.

As indulgencias que são concedidas sob condição de que se visite uma igreja franciscana, podem lucrar-se, onde não houver taes igrejas, visitando a igreja onde está a respectiva fraternidade ou na falta d'ella, a igreja parochial.

Por ultimo, conheçam os Irmãos Terceiros que todas estas indulgencias, e bem assim qualquer obra meritoria, podem ser applicadas pelas almas do purgatorio. Aconselha-se, pois, que não omittam um tão bello acto de caridade em favor de almas tão queridas de Deus.

SECÇÃO HISTORICA

FLORINHAS DE S. FRANCISCO

CAPITULO XXVII

Temerosa tentação sobrevinda a Fr. Rufino, á qual põe côbro S. Francisco

Com Fr. Rufino, nobre entre os mais nobres da cidade d'Assis, companheiro de S. Francisco e varão de santidade grande, investiu uma vez rija e violenta tentação no tocante á sua salvação. Andava triste e melancolico que era lastima vêl-o : porque o demonio manhosamente lhe ia mettendo em cabeça que estava condemnado, que seu nome estava truncado d'entre os predestinados, e que tudo quanto fazia na Ordem caìa irremediavelmente em mortorio. Recrudescia dia a dia a tentação, e com ella a vergonha de se abrir com S. Francisco, não levantando, comtudo mão da oração e abstinencias que lhe eram em habito.

Redobrou d'esforços o inimigo: cumulou tristeza sobre tristeza, e ás lutas interiores juntou por nova estrategia as falsas apparições por fóra.

Uma vez lhe appareceu em fórma de Crucificado e lhe disse :

A que véem Fr. Rufino, todas essas orações e penitencias, se não avulta teu nome entre os eleitos ? Crê-me que eu é que sei a quem escolhi e predestinei, e deixa lá o filho de Pedro Bernardoni dizer-te o contrario, porque este segredo é a mim só reservado como a Filho de Deus que sou. Assenta, pois, n'esta verdade desenganada que estás condemnado. Quanto ao filho de Bernardoni, bem errado vae quem o segue, porque o misero pertence com seu pae ao numero dos reprobos».

Pezaram estas palavras no espirito de Fr. Rufino como densissimas trevas em que fôram perdendo a fé e o amôr que até ali houvera a S. Francisco; longe estava já de seu animo o dar-lhe conta d'este lance triste de consciencia.

Mas o que ao Santo calou Fr. Rufino, revelou-o Deus. Vendo, pois S. Francisco o perigo que corria este seu filho, mandou a Fr. Maceu por elle. Fr. Rufino desamoravel deu-lhe em rosto esta resposta: — «Que tenho eu que vêr com Fr. Francisco?»

Ao que, Fr. Maceu repleto de sabedoria divina e conhecedor dos embustes do demonio, replicou:

— «Fr. Rufino, não sabes tu que Fr. Francisco é como anjo de Deus que tem derramado a luz da graça em tantas almas, ao qual devemos a mercê do estado a que pertencemos? Por isso quero eu que em minha companhia vás á presença d'elle, ou não visse eu claramente que andas embelecado do demonio.»

Dito isto, resolveu se Fr. Rufino e foi ter com S. Francisco. E, vendo-o este vir ao longe, bradou-lhe: «Em quem acreditaste, pobre Fr. Rufino?» Acercando-se d'elle Fr. Rufino, o Santo contou-lhe ordenadamente toda a tentação que n'elle se dera; mostrou-lhe claramente que quem lhe apparecera era o demonio que não Christo, e que dever era rigoroso desattender as suas suggestões, para as quaes lhe dictou resposta peremptoria e desdenhosamente esmagadora. «Assim que lhe tornares esta resposta — dizia o Santo — em continenti fugirá o tentador. Dever era teu conhecer que andava n'isso a garra do demonio porque te empedrou o coração para o bem — como é proprio do seu officio, e Christo bemdito não enrijece o coração do homem fiel, antes o toca de ternura, como diz pela bocca do Propheta: «Arrancar-vos-ei o coração de pedra, e dar-vos-ei coração de carne.»

Vendo Fr. Rufino que de S. Francisco nenhuma minudencia era desconhecida de sua tentação, compungido pelas suas palavras, começou a chorar abundantemente e a conceber entranhada veneração ao Santo. Então caiu na conta de quanto mal andara occultando-lhe a funesta tentação. As admoestações do Santo padre sobre o consolarem, infundiram-lhe o animo de que se via carecido. Por fim disse-lhe S. Francisco: Vae, filho, confessa-te, e não descures o estudo da santa oração; e bom é que fiques sabendo que utilidade e consolação grandes te advirão d'esta tentação, como em breve o provarás.» Retornou Fr. Rufino á cella que era na matta, e ahi estando com muitas lagrimas em oração, eis que o inimigo, apparentando de Christo, lhe disse: «O' Fr. Rufino, não te disse eu que não era de fiar o filho de Pedro Bernardoni, e que baldavas o tempo em lagrimas e orações, porque já estás condemnado? Que te aproveitam trabalhos taes durante a vida, se pela morte te espera o inferno?»

Fr. Rufino deu-lhe na cara com a resposta que S. Francisco lhe ensinára. E o demonio vexado abalou em meio de tamanha tempestade e com tal convulsão do monte Subassio, (que era alli perto) que em largo espaço se alastrou o estrago das pedras que d'elle se precipitaram; e era tal a força com que rodavam que afusilavam fogo horrivel pelo valle. Ao estrondo medonho saiu fóra S. Francisco com os companheiros tomados d'espanto a vêr que estranho caso era aquelle. Ainda agora se ali vê a ruinaria immensa de pedras.

Com isto bem convencido ficou Fr. Rufino que era o demonio quem o tinha illudido. E, de novo, entrando á presença de S. Francisco, lançado em joelhos, reconheceu sua falta. S. Francisco com dôces e brandas palavras o reconfortou, e o mandou todo consolado para sua cella. Estando n'ella em devotissima oração, appareceu-lhe Christo bemdito, e lhe abrazeou a alma de amor divino e disse-lhe: «Bem andaste, filho, em crêr em Fr. Francisco, porque quem te calou n'alma tamanha tristeza era o demonio; mas eu sou Christo, teu mestre, e para te provar a verdade da minha palavra não sentirás mais tristeza, nem melancolia, em quanto viveres.» E dito isto se partiu Christo, deixando-lhe o espirito em affluencias taes d'alegria e doçura que dias e noites as passava absorto e como que arrebatado em Deus. D'ali em diante tanto se robusteceu em graças, tão seguro ficou da sua salvação que se tornou de todo um outro homem. Dia e noite passaria em oração a contemplar as coisas divinas se o deixassem estar. D'onde vinha o dizer S. Francisco que Fr. Rufino estava já em vida canonisado por Christo, e que não punha duvida, fóra da sua presença, dizer Santo Fr. Rufino, apesar de vivo. *(Continúa).*

Pensamentos

A mais importante, a mais difficil, e a mais gloriosa empreza, que o coração humano póde accommetter, é vencer a si proprio. Dura o combate quanto a vida dura; porém morrer no conflicto, é o mesmo que vencer, e as armas na mão são o mesmo trophéo.

P. Bernardes.

♦

Dura jurisdicção, por não dizer tyrannia, exercitam hoje muitos paes sobre as condições e natureza dos filhos. Em nascendo, já fazem a um clerigo, a outro frade, a outro soldado: de espreitar a inclinação, e geito que cada um tem para as cousas, não ha tratar. Assim fica mau letrado o que fôra bom sapateiro, e não é bom soldado o que fôra bom religioso. E d'aqui nasce haver hoje tão poucos paes, que se gabem de filhos amigos, e obedientes: porque como todo o seu intento foi fundado em lhes negociar pão temporal, com menos providencia do espiritual, é permissão divina que paguem o erro com receberem d'elles temporalmente muita desconsolação.

Fr. Luiz de Souza.

♦

Não ha modo de mandar, ou ensinar mais forte, e suave, do que o exemplo: persuade sem rhetorica, impelle sem violencia, reduz sem porfia, convence sem debate, todas as duvidas, desata, e corta caladamente todas as desculpas. Pelo contrario, fazer uma coisa, e mandar, ou aconselhar outra, é querer endireitar a sombra da vara torcida.

P. Bernardes.

Coherencia de Proudhon

Proudhon, que não era bobo,
Sem receio publicou
Um livro que intitulou:
«A propriedade é um roubo»
Ao vêl o n'um mostrador
Entrei, comprei-o e abri,
No frontispicio então li:
«E' propriedade do auctor.»

Sal.

ANECDOTAS

A mamã de Carlotinha recommenda-lhe que reze, ao levantar-se da cama, o Padre Nosso.

Ella vae dizendo a oração; mas ao chegar ao «Pão nosso de cada dia nos dae hoje,» fica pensativa...

Depois pergunta:

— O' mamã, não era melhor pedir pão para uma semana?

— Tola, responde a irmã mais velha, pede todos os dias para ser molle.

♦

Uma sentença d'um espertalhão:

— Quanto mais velho a gente se faz, menos perigo corre de morrer. E a prova é que só lá de longe em longe se ouve falar na morte d'uma pessoa de cem annos.

♦

Um pobre homem, que nem sempre tinha que dar a comer aos filhos, lembrou-se de fazel-os passar só com duas refeições diarias, valendo se do seguinte estratagema para economisar a terceira:

A' noite, antes da ceia, dizia para os filhos:

— Eh! rapazes: hoje quem não quizer cear, ganha um vintem.

Os pequenos, como a lazeira não apertava ainda muito, accudiam em côro:

— Prompto!

E iam para a cama sem ceia, mas a pular de contentes, que nem que fôssem morgados.

Mas no dia seguinte... o estomago estava a dar horas. O pae exclamava então:

— Eh! rapazes: hoje, quem quizer almoçar, ha de dar-me um vintem.

E ahi corriam logo a *tlintar-lhe* para a mão os vintens desembolsados na vespera.

Fazia assim todos os dias; e o certo é que o expediente deu bem bons resultados. Melhores que muitos de que lançam mão os nossos financeiros para escorchar-nos a pelle...

* Leituras amenas *

A ELEIÇÃO D'UM PAPA

Terminava a primavera de 1846. Roma vestida de luto debruçava-se debulhada em pranto sobre o cadaver do seu rei e papa. Os campanarios do mundo catholico repetiam os dobres lugubres e soluçantes das cathedraes romanas e a Igreja toda chorava orphã a morte de seu augusto pae Gregorio XVI.

Mas o sepulcro d'este grande papa cerrara-se e a barca de Pedro fluctuando sobre os vortices d'um procelloso mar, carecia d'um piloto dextro, cuja mão robusta lhe manejasse o leme e lhe evitasse os escolhos.

Urgia a eleição do novo papa.

Roma enxuga o pranto de treze longos dias, e occupa-se anciosa na nomeação do seu novo cabeça e rei.

Affluiam de todas as partes para este centro da christandade os prelados que deviam completar o conclave, e uma multidão ingente de clero, nobreza e povo que desejava assistir ás festas da nova eleição.

As ruas e praças da princeza do mundo christão atulhavam-se d'um dia para o outro.

Seria ahi por doze de junho quando aquella multidão alvorotada aos gritos «*ahi vae o papa, viva o novo papa,*» precipitava-se para uma rua acotovelando-se em volta d'uma modesta carruagem que fendia a custo a massa agitada de cabeças que recheiava as ruas. Dentro ia o respeitavel prelado vestido de simplices vestes talares pretas. Tinha o rosto oval, elevada fronte, um olhar dôce, nos labios um sorriso attrahente e em todo o semblante, que accusava uns cincoenta escassos annos, uma bondade cativante.

O solidéo encarnado patenteava a sua dignidade de cardeal do sacro collegio.

Os gritos e acclamações inconscientes do povo acompanharam-n'o até elle sumir-se nas arcarias do Vaticano.

Acalmado o reboliço começaram as investigações do caso.

Aquelle respeitavel prelado era o santo cardeal Mastai Ferreti.

Dirigindo-se de Imola para a capital do mundo catholico, onde devia assistir á eleição do successor de Gregorio XVI, parou em Fossombrone para dar a benção ao muito povo que se reunira alli para o saudar.

Emquanto se detinha com elle, uma alvissima pomba desceu a poisar-se mansamente sobre o carro do santo cardeal.

Feitas as despedidas, sóbe o cardeal, parte a carruagem e no meio do monotono rodar, do estalar do chicote e do relinchar dos cavallos a pomba permanece socegada como se estivera no seu casal. Param, enchotam-na, ameaçam-na com um junco, mas o manso animal tão timido de sua natureza, persiste sem mexer uma aza.

O povo romano que tem, por uma tradicção antiga, como eleito por Deus aquelle que receber o signal da pomba, rompeu em clamorosos gritos: «*viva o novo papa, ahi vae o nosso papa.*»

O virtuoso cardeal, encolhendo despreoccupadamente os hombros, sorria para uma dama anciã vestida de preto, que o acompanhava e cuja phisionomia indicava parentesco proximo com elle.

O povo chamado pelos estrondosos echos d'aquelles vivas ininterruptos, agglomerava-se de povoação em povoação.

A veneranda anciã estendia gostosa a vista, da janella do carro sobre o sequito immenso que os precedia, e sorria qual mãe que se regosija no triumpho de seu filho.

Este estranho cortejo continuou até ás portas de Roma, onde a pomba levantando o vôo foi poisar-se sobre a porta d'uma prisão onde estavam encarceradas muitas victimas da politica nacional.

Os clamores do povo redobrados de enthusiasmo reproduziram-se de bocca em bocca, de rua em rua, de praça em praça até ao Vaticano, alvorotando toda a cidade como vimos.

Um pouco antes de entrar as portas de Roma, Mastai Ferreti, que devia no dia seguinte estar encorporado na reunião do Sacro Collegio, despediu-se respeitosamente da sua companheira de viagem, promettendo-lhe acompanhal-a, depois de terminado o consistorio, em todas as ceremonias e festas da eleição do Summo Pontifice, e deu-se pressa a entrar no Vaticano.

No dia immediato, quatorze de junho, estava encerrado o conclave e no dia quinze abrira-se o escrutinio.

O povo romano, que tem por costume rodear o palacio onde se trata a eleição do novo papa, esperando, com os olhos fitos n'uma pequena chaminé, collocada sobre a sala do conclave, que um pequeno rolo de negro fumo, effeito da combustão dos votos, que depois de terminado o escrutinio não conseguiram nomear candidato, se elevasse, annunciando-lhe a vacancia da Sé pontificia ou que já tinham novo papa no caso contrario, no dia dezeseis enchia a praça fronteira ao Quirinal com os olhos fitos na sua classica chaminé.

Esperaram minutos, quartos, horas, e o fumo sem despontar.

Ou o primeiro candidato fôra eleito na primeira votação, o que não parecia provavel, attentas as circumstancias difficeis em que se achava a Igreja, ou os cardeaes por difficuldades inesperadas não teriam podido começar a votação.

A primeira supposição ainda que pouco verosimil era a mais corrente, e ia passando de bocca em bocca sem se saber como.

No dia dezesete, impulsionada por um vago presentimento, Roma toda corria ao Quirinal.

A praça semelhava um lago fluctuante de murmureas ondas. Quando as torres das igrejas da cidade bateram as horas determinadas para a abertura do escrutinio, sen-

tiu-se uma repentina agitação em toda a praça. Os olhos da multidão devoravam a pequena chaminé.

Passaram-se cinco minutos, dez, quinze, meia hora e o fumo negro não subira.

Um surdo rumôr agitou aquelle immenso lago de cabeças: temos papa, já temos papa, repetiam todos com ancioso jubilo.

Quem será o eleito? Interrogava com precipitada curiosidade uma dama anciã vestida de preto, d'ampla fronte e rosto oval, cujas rugas indicavam uns bons setenta e tantos annos.

Provavelmente será o cardeal Guidi, responderam-lhe do lado umas vozes:

— Nada, antes d'esse seria sem duvida eleito Altieri, redarguiram outras, cujas virtudes, talento e popularidade a senhora deve conhecer.

— Tenho ouvido falar muito bem de ambos, mas não tenho a honra de os conhecer pessoalmente.

E Mastai Ferreti? tornou a nobre dama.

—E' o mais novo do Sacro Collegio e não parece provavel que seja o nomeado. E' muito estimado pela sua virtude e sabedoria, mas esperado por ninguem, responderam unanimemente os que rodeavam a nobre anciã.

As conversas travadas em volta da virtuosa dama repetiam-se em toda a praça. Cada qual presumia eleito o cardeal mais do seu gôsto.

A virtuosa dama corria todos os grupos, repetia as mesmas interrogações, mas em nenhum se falava de Mastai Ferreti, seu caro companheiro de viagem. A sua pouca idade era sempre o obstaculo diri-mente de todas as provabilidades que a sua virtude e saber faziam germinar em todos os animos que o veneravam como santo.

De repente fez silencio sepulchral todo aquelle rumoroso lago.

O cardeal camarlengo lançava por terra com o martello d'oiro o fragil tabique, que encobria a sacada, d'onde o novo pontifice costumava apparecer pela primeira vez ao povo.

Cada martellada era seguida d'um movimento brusco na praça, que não despregava os olhos da occulta sacada.

Passados curtos instantes o cardeal apparecia na sacada já patente e com o martello d'oiro na mão direita, exclamava: *papam habemus*.

Papam habemus, papam habemus, repetiram milhares de vozes a um tempo.

Poucos minutos depois, o novo successor de S. Pedro apresentava-se á multidão, que rompeu nas mais prolongadas e ruidosas acclamações.

— Quem é o papa? Interrogava anciosa, com indizivel curiosidade, uma senhora anciã vestida de preto, que inutilmente erguia os olhos para a sacada occulta pelas cabeças dos romanos que a rodeavam.

— Mastai Ferreti, responderam á uma todos os circumstantes.

Um raio que lhe caísse em cima não a teria fulminado tão depressa.

A nobre e virtuosa anciã caiu desmaiada nos braços dos circumvisinhos.

Mastai Ferreti seu caro companheiro de viagem, seu amado filho era o successor de Gregorio XVI.

Ella era a mãe de Pio IX.

CULTO DE S. ANTONIO

Não regateemos com Santo Antonio

Durandel era uma formosa joven de vinte e tres annos, casada com um capitão da guarnição de Tunes.

Tinha este quinze annos mais do que ella, e, por esta razão, tinha-a por uma menina. Reprehendia-a, censurava-a!... certamente, porque, em logar de se tornar séria ao avançar em idade, era de caracter muito leviano, e só lhe agradavam enfeites, atavios, e frivolidades.

Viera certa occasião passar algum tempo em Marselha, com a familia de seu marido, familia muito christã e muito piedosa.

Todos a achavam muito frivola, muito leviana, mas, tambem tinha um caracter muito amavel. Diziam todos:

«Corrigir-se-á com o andar dos annos».

Por fim, Durandel ia embarcar, de volta para Tunes. Não ia só; a mais velha das suas cunhadas, senhora de trinta annos, que jámais havia querido casar-se, partia com ella, a fim de passar algum tempo com seu irmão, um pouco mais velho que ella, mas que fôra, desde a sua tenra idade, o seu mais querido irmão, o irmão que mais amava.

Era impossivel achar pessoa mais perfeita que Edilt Durandel; tão boa, tão simples! A joven Durandel não era invejosa; pelo contrario, amava muito a sua cunhada, admirava as suas bellas qualidades, mas não se sentia com forças de a imitar.

Para Genoveva, eram os prazeres frivolos, as mudanças de *toilette* tres ou quatro vezes por dia, todas as futilidades e frioleiras, que constituiam a sua existencia, e formavam as occupações predilectas da sua vida ! Triste vida, na verdade!...

As duas cunhadas tinham já reunido em volta de si, sobre o navio que as transportaria para longe da cidade de Marselha, a familia com a qual deviam viajar.

De repente Durandel solta um brado muito forte.

— Perdi o meu chapeusinho de sol, Edilt, o meu soberbo chapeusinho, que tem rubis no manubrio ! Estou desgraçada ! Deixei-o certamente no hotel onde passamos a noite.

— Pois bem, minha boa cunhadinha, tornou-lhe Edilt com um amavel sorriso, rezemos um *Pater* e um *Ave* ao bom Santo Antonio, e obteremos d'elle que notem o teu esquecimento no hotel.

— De boa vontade, exclamou a joven com enthusiasmo. Oh ! eu prometto dar vinte francos para os pobres de Santo Antonio, se readquirir o meu querido chapeusinho !...

Ainda o Padre-nosso e a Ave-maria não estavam acabados, quando, de subito, viram um moço do hotel, que se dirigia apressadamente para o navio a sair. Trazia nas mãos um objecto que, de certo, era o precioso chapeu de Durandel.

— Vês, Genoveva, o nosso bom Santo Antonio ouviu-nos. Eis o que desejavas !

Genoveva não disse palavra. Estava inundada de alegria, por ter na mão o chapeu, cuja perda lhe teria valido algumas reprehensões de seu marido, por bom que elle fôsse.

— Deves saber, Edilt, disse Genoveva com escarninho quando o criado do hotel se retirou com uma honesta recompensa, deves saber que não devo nada a Santo Antonio, porque, no hotel, notaram, com certeza muito antes da minha promessa, que não trouxera o meu chapeu; e mesmo, eu n...

A sovina Genoveva já não pôde acabar ; um balanço enorme, extraordinario, fôra communicado ao navio; Genoveva vacillou, cambaleou e caiu. O precioso, o soberbo chapeu de sol, desapparecera das suas mãos; caíra no mar !

Tudo estava, pois, decidido ; acabaram todas as questões.

— Ora ahi tens, disse Edilt Durandel, fixando em sua cunhada uns olhos quasi encolerisados, ficas sabendo o que é regatear e apreçar com Santo Antonio !...

Genoveva baixou os olhos e a cabeça sem replicar. Tinha comprehendido, bem á sua custa, a lição do amavel Santo.

Novos membros da Pia União

Fôram inscriptos até 15 de abril mais os seguintes :

Arcebispado de Braga		189
Guimarães	43	
Barcellos e proximidades	9	
Valloura	8	
Grimancellos	4	
Landim	12	
Gondomar	3	
Freitas	5	
S. Torquato	15	
S. Estevão de Briteiros	10	
S. Martinho de Campo	2	
S. Paio	4	
S. Pedro d'Azurem	5	
Suage	1	
S. Miguel de Creixomil	1	
Paraizo	13	
S. Martinho do Vale	1	
Espinho	14	
Moreira de Conegos	5	
S. Romão	4	
Taipas	4	
S. Faustino de Vizella	22	
Patriarchado de Lisboa		5
Santarem, S. Nicolau	5	
Bispado do Porto		6
Porto, Santo Ildefonso	1	
Jugueiros	5	
Diocese de Coimbra		73
Sebal Grande e proximidades	64	
S. Simão de Sitem	9	
Diocese de Bragança		42
Souto (Moncorvo)	42	
Associados até fevereiro		134:009
Total dos associados		134:325

BRAGA

As praticas aos pobres de S. Antonio

Por iniciativa das caridosas senhoras, sob cujos auspicios funcciona no templo dos Terceiros, d'esta cidade, a obra do *Pão dos Pobres* de Santo Antonio, realisaram-se ali, nos dias 22, 23, 24 e 25 de março passado, alguns exercicios religiosos, para os quaes fôram convidados os pobresinhos favorecidos por aquella piedosa instituição.

Teve-se em vista solemnisar assim, com proveito e utilidade, o 5.º anniversario da installação do *Pão de Santo Antonio* n'aquella igreja (25 de março de 1895). Era muito boa a idéa, e foi bem lisongeiro o exito com que se poz por obra.

As praticas nos tres primeiros dias (22,23 e 24) fôram feitas pelo rev.º Padre Fr. Manoel das Cinco Chagas. E dizer isto equivale a affirmar que a concorrencia foi numerosissima.

Particularmente nos dois primeiros dias, o templo estava litteralmente repleto de fieis, entre os quaes avultavam os numerosos pobresinhos que ali vinham receber as consolações da fé e da esperança, que os animassem á paciencia e resignação christãs. No terceiro dia não era tão grande o concurso, porque a hora escolhida não se prestava.

Pela tarde d'esse mesmo dia, approximaram-se do sagrado tribunal da Penitencia numerosos pobresinhos. E mais seriam ainda se houvesse confessores disponiveis em numero sufficiente ; pois muitos pobres tiveram de retirar-se sem se poderem confessar.

No dia 25 houve missa e communhão geral no mesmo templo. Receberam a Sagrada Eucharistia muitos fieis, talvez em numero de trezentos, approximadamente. Ao Offertorio da Missa falou aos pobresinhos um religioso d'este Collegio, afim de preparal-os convenientemente para a sagrada communhão.

Fez-lhes vêr como Jesus cumpriu superabundantemente a promessa que nos fizera, de não nos abandonar sobre a terra á desolação da orfandade. Elle mesmo se quiz fazer nosso Pae, nosso Mestre, nosso Guia, nosso Viatico, nosso Consolador, nosso Tudo.

Terminada a communhão e a missa, procedeu-se á distribuição do pão aos pobresinhos Eram estes em numero avultado, e a distribuição foi uma das maiores que se tem feito.

Oxalá que espectaculos d'estes possam repetir-se com frequencia, para bem dos pobres desherdados da fortuna e para edificação d'uma sociedade tão profundamente materialisada.

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Um homem pediu a Santo Antonio que fizesse com que um filho que tinha no Brazil lhe mandasse uma esmola, e prometteu que, se recebesse alguma coisa, daria a Santo Antonio 500 réis para uma missa.

Passado um mez recebeu 40$500 réis.

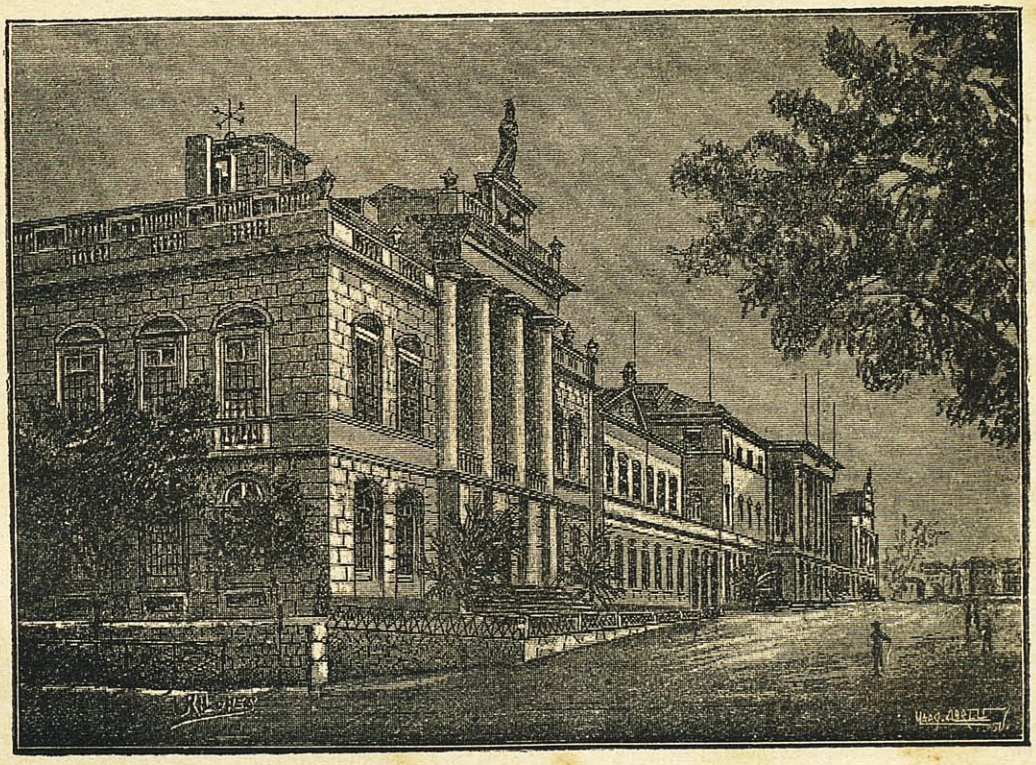
Agora o filho escreve a miude. De cada vez que elle lhe mandar dinheiro tem Santo Antonio 500 réis para uma missa. O homem é a uma legua de Braga.

— Dão-se em acção de graças a S. Antonio 1$000 por uma graça que elle fez.

— Jesus Maria José. — Eu vos agradeço, meu Santo Antonio, o favor que me dispensastes no meu exame. Eu vos peço que sejaes o meu Protector d'aqui por diante, para que eu fique bem nos outros exames, que eu sou um menino orfão, sem pae nem mãe; e espero em Deus e Maria Santissima que me auxiliem. Eu vos peço por toda a familia, e vos mando uma esmola para os vossos pobresinhos, conforme as minhas possibilidades. — *A. D. da Costa.* — Chaves.

— Meu glorioso S. Antonio. — Aqui venho agradecer a grande graça que me fizestes. Peço para que esta pessoa continue a lembrar-se de mim. Agora aqui tendes 500 réis para o pão dos vossos pobres.

— Meu S. Antonio — Aqui vão os 500 réis que vos prometti, e mil graças vos dou por tudo que me fizestes. Alcançae-me, grande Santo, a conversão de meu pae, e fazei que todos morramos na graça de Deus. Não vos esqueçaes do que vos tenho pedido — *Abençoae a vossa serva.* — *L.*



Hospital de Santo Antonio (Porto)

— Meu glorioso S. Antonio. — Humildemente vos envio para os vossos pobresinhos a modica quantia de 300 réis, pedindo-vos que protejaes os meus filhos nos seus estudos e intercedaes a Deus Nosso Senhor para que elles sáiam approvados nos seus exames. — *Um devoto.* — *J. M. S.*

— Em cumprimento d'uma promessa que vos fiz, meu glorioso Santo, vos envio para o pão dos pobres a pequena quantia de 200 réis, rogando-vos que me protejaes e a meu marido, alcançando-nos de Deus boa saude e felicidades, que promettemos ser muito vossos devotos. — *C. S.*

—... Snr. Um devoto de Santo Antonio envia a quantia de 1$000 réis para o pão dos pobres do mesmo Santo, pedindo, a V... o favor e cari-

dade de o fazer chegar ao seu destino, pelo que lhe ficará muito grato.—*Um dovoto de S. Antonio.*

— Meu querido S. Antonio. — Peço que me perdoeis a falta que tenho commettido em vos agradecer a graça que por vossa intercessão obtive e que devia ha tanto tempo agradecer-vos e enviar-vos a esmolinha que prometti para o pão dos pobresinhos. Meu rico santo, por esta minha falta, não cerreis os ouvidos aos pedidos que presentemente vos tenho a fazer não? Ahi vos envio 200 réis que foi o que vos prometti. — *Sou vossa devota. — M.*

— Meu querido S. Antonio.—Muito vos agradeço a graça que me fizestes, e envio-vos uma esmola para o pão de vossos pobres, pedindo-vos me continueis a proteger e a todos os meus. — *Uma devota de Santo Antonio.*

—... 200 réis para o pão de Santo Antonio, por uma graça obtida por intercessão do mesmo Santo. — *C. de S. Machado (Valloura).*

— Envio 1$000 réis para o pão dos pobres de Santo Antonio, quantia que me foi entregue para eu remetter e para agradecer o favor recebido. — *Vallongo. — A. A. d'O. Zina.*

— Gloriosissimo Santo Antonio. — Eu vos envio 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos, que vos prometti, achando-me entrevada com uma dôr n'uma perna, que durante 2 mezes me impediu de andar e estar sentada, e em pouco tempo me achei restabelecida. Agradeço-vos, e peço perdão por não haver cumprido ha mais tempo com a mais fervorosa gratidão. — *Estrada.*

LISBOA

Transcrevo do «Correio Nacional», de 14 de março:

«Realisou-se hontem 13, na capella dos Martyres á Estrella, a distribuição do pão de Santo Antonio.

«Foram 383 os pães distribuidos.

«Com acompanhamento de orgão, celebrou missa pelas 9 horas da manhã o esclarecido capellão, desvelado instituidor e auxiliador d'esta grande obra de caridade no que esta virtude tem de mais elevado e sublime, prodigalisando aos pobres da fregnezia de Santa Isabel, não só uma grande parcella de sustento para o corpo, como tambem levando os á pratica dos actos religiosos, pois são contemplados aquelles que nos dias de preceito de missa frequentam a capella.

«Sobre este grandioso assumpto desenvolveu com eloquencia uma breve pratica o rev.º Padre J. Coutinho, do Quelhas, exhortando os pobresinhos a proseguirem como até aqui, para assim merecerem as bençãos do céo e dos seus protectores

VINHAES

A Exc.ma Snr.a D. Candida Falcão de Seabra envia-nos, commissionada por varias pessoas, as seguintes cartas de agradecimento:

Glorioso Santo Antonio. — Muito vos agradeço o terdes favorecido esta grande peccadora em um pedido que vos fiz, pelo qual vos envio 500 rs. que vos prometti. Peço vos meu glorioso Santo me continueis a proteger. — *C. N. — Ousilhão.*

— Glorioso Padre Santo Antonio. — Venho agradecer-vos dois beneficios que vos pedi e vos dignastes attender-me; pelos quaes vos envio 100 réis por cada um para o pão dos vossos pobres. — *L. M. — Ousilhão.*

— Glorioso Santo Antonio. — Venho agradecer-vos o beneficio que me fizestes, enviando-vos 100 réis que vos prometti, *Vossa devota M. E. — Ousilhão.*

— Meu glorioso Santo Antonio. — Muito vos agradeço o attenderes-me em dois beneficios que vos pedi. Pelo primeiro vos envio 40 réis e pelo segundo 50 réis que vos prometti. Peço-vos, glorioso Santo, me continueis a proteger. — *C. I. — Ousilhão.*

— Glorioso Santo Antonio. — Remetto-vos 750 réis para o pão dos vossos pobres em agradecimento de tres graças recebidas. A vossa protecção vos peço para meu marido e filhas, e a mim não me esqueçaes tambem. — *A. M. C. P. — Vinhaes.*

— Meu bemdito Santo. — Agradecei a Nosso Senhor as graças por vós obtidas em beneficio d'esta vossa humilde serva e associada. Peço a vossa protecção para mim e todos os meus. Envio 200 réis para o pão dos vossos pobresinhos. — *C. F. S. — Vinhaes.*

— Santo Antonio.—Uma vossa associada vos envia 40 réis para os vossos pobresinhos, em agradecimento d'uma esmola que lhe alcançastes. — *M. R. — Vinhaes.*

— Santo bemdito. — Uma vossa associada e assignante vos envia 200 réis para os vossos pobres. Protegei-a e a toda a sua familia. — *M. P. M. — Vinhaes.*

— Bemdito Santo. — Alliviastes uma creança d'umas dôres de dentes; ella vos envia 20 rs. do seu cófresinho para ajuda do pão de vossos pobres. *A. M. S. — Vinhaes.*

— Santo Antoninho. — Uma vossa associada vos remette 60 réis para os vossos pobresinhos, em agradecimento d'uma graça que de vós recebeu. — *Vinhaes. — A. T.*

— Glorioso Santo Antonio. — Uma vossa associada vos envia 100 réis para os vossos pobresinhos. Ella vos roga continueis a proteger o seu bom filho. — *Vinhaes. — A. R.*

— Santo bemdito — Um vosso associado e assignante vos envia 460 réis para o pão dos pobres, em agradecimento de dois beneficios que lhe concedestes. — *Vinhaes. — A. F.*

— Meu glorioso S. Antonio. — Venho a vossos pés reconhecidissima agradecer-vos a graça que me concedestes de no praso de 15 dias me ser restituida a meia libra que julgava perdida. Mil louvores vos dou e continuo a dar-vos. Remetto 300 réis para o pão dos vossos pobresinhos, como havia promettido. — *A vossa inutil serva, A. F. B.*

— Meu caro Santinho. — Agradeço-vos a graça que me concedestes, de fazer vir-me á mão o objecto que eu julgava perdido. Remetto 20 rs. para o pão dos vossos pobresinhos. — *A vossa indigna devota, A. F. B.*

— Oh! meu amantissimo S. Antonio. — Graças vos dou pela approvação no exame de meu sobrinho Antonio, e por tudo que vos tenho pedido. Remetto 30 réis para o pão dos vossos pobresinhos. — *Um devoto de S. Antonio.*

— Meu glorioso Santo Antonio. — Envio-vos 220 réis para o Pão dos vossos pobresinhos, em cumprimento d'umas promessas que vos fiz. Con-

tinuae a proteger-me e a todos os meus e alliviae-nos de todos os males. Permitti socegar o meu espirito e dignae vos meu querido Santo abençoar a vossa fiel serva e devota. — *A. C.*

— Santo bemdito. — Agradeço-vos a graça que me alcançastes de Jesus e Maria. Envio 400 réis para o pão dos vossos pobresinhos. — *Bragança.* — *E. L. B.*

— Meu glorioso e grande Santo Antonio. — Muito reconhecida venho publicar no vosso jornal (como vos prometti) as grandes graças que do Senhor me alcançastes : — a primeira foi a cura d'aquelle pae de familia, tão querido e necessario a ella, estando mesmo á morte, e tendo o medico perdido já toda a esperança de salval-o, recorremos a vós, e eil-o já são : — a segunda foi o de fazerdes com que aquella mãe qne não queria dar o consentimento para o filho entrar n'um bom Collegio, e exgotados já todos os recursos, recorremos a vós, e logo ella da melhor vontade o deixou ir : — a terceira foi vencerem se as difficuldades que havia para dois meninos entrarem tambem no mesmo Collegio : — ainda uma quarta graça, a de entrar n'uma ordem uma menina que tinha bastantes difficuldades ; mais uma : a de livrar-se do perigo de perder-se uma pessoa que me era querida. Ai, meu Santo Protector, não tenho palavras para explicar as graças que me tendes alcançado, sendo eu a mais indigna das vossas devotas. Em todas as minhas afflicções me tendes valido, sempre tenho sido soccorrida todas as vezes que tenho recorrido a vós : nem bem me recordo das mais graças que me tendes feito. Desejava poder publical-as do modo que vos agradasse mais, e maior gloria désse a Deus.

Meu santo protector. Continuae a proteger-me e obtende-me o amor de Deus e a santa perseverança final Sabeis que por estas graças já fôram dadas aos pobres as esmolas promettidas. — *Uma vossa devota, E. C. T.*

— Meu querido Santo Antoninho. — Vou hoje cumprir a promessa que vos fiz, ha já tanto tempo ; mas vós bem sabeis as minhas circumstancias, e que só agora pude alcançar o que vos prometti. Promettendo-vos mandar publicar esta tão grande graça, ou por outra, este milagre que me fizestes, cumpro-o, pedindo-vos não me abandoneis, e que me façaes o que vos pedi e peço com tanta afflicção. Vós, que sois o pae dos pobres, compadecei-vos de mim, que sou uma pobre orphã, sem meios para viver. Remetto os 100 réis que tinha promettido. Abençoae a vossa devota e humilde serva — *Lia*

CORNEIRA

CARRAZEDO DE MONTENEGRO — CHAVES

. ... Snr. — Como assignante da «Voz de S. Antonio», e membro da Pia União de Santo Antonio, communico a V... com jubilo e prazer, para ser publicado na mesma «Voz» como a V... approuvér, que no principio do mez de setembro proximo passado alcancei de N. Senhor uma graça, por intercessão do milagroso Santo Antonio, a quem agradeço e peço desculpa da demora d'esta publicação ; e que, tendo-se collocado uma simples caixa para esmolas sob a imagem de Santo Antonio que se venera na igreja parochial de Villela Secca, concelho de Chaves, creio que na primavera ou principio do estio de 1899, por iniciativa do Rev.º Parocho da mesma freguezia, essa mesma caixa foi aberta no Natal do citado anno e n'ella se encontrou bastante esmola, ou dinheiro, graças a Deus, de cujo valor não me recordo, mas que junta com outras esmolas chegou para no dito Natal se distribuir cêrca de 50 rações de pão a outros tantos necessitados da dita freguezia, do pezo de cêrca de aratel e meio, cada uma, sendo esta distribuição préviamente annunciada, e feita na igreja matriz da dita freguezia com grande concurso de povo, e edificado por esse facto a que assistiu com religiosa attenção e devoção, havendo no fim a benção com o SS. Sacramento.

Deus seja bemdito !

Viva Santo Antonio !

Muito me obsequeia V... se estes factos fôrem referidos na «Voz de Santo Antonio».

De V... etc.

PADRE ALVARO PIRES DE MORAES

Parocho de S. João de Corneira, Carrazedo de Montenegro, Chaves.

Os cofres do Pão dos Pobres de Santo Antonio

Braga. — Em março : 209$730 réis. Juntamente 2 libras em oiro, e uma colher de chá, de prata.

Para o mesmo fim fôram remettidas de varias partes as seguintes quantias. Do nosso correspondente em Torres Novas, em nome de varios individuos 1$800 ; — J. M. Mano (Arega) 400 ; — J. J. Vallido (Setubal) 700 ; — C. de S. Machado (Valloura) 200 ; — J. P. de Seabra (Sardoura) 250 ; Padre I. da Cunha (I. Portugueza) 200 ; — Do nosso correspondente em Mezãofrio 500 ; — Do nosso correspondente em Villa Flôr, em nome da pessoa que recebeu uma graça, 1$000 réis.

Guaratinguetá (Brazil). — Do nosso amigo e sollicito correspondente da «Voz de Santo Antonio» :

«No dia 20 (novembro) abri os cofres e achei 11$500 réis e 3 petições ; distribui-os por 23 pobres, pela 18.ª vez e 14.ª abertura».

«No mez de dezembro rendeu 22$600, e se distribuiu por 44 pobres ; abri o cofre outra vez este anno, a 4 de fevereiro, pela 20.ª distribuição, e rendeu 16$800, que se distribuiu por 38 pobres. Graças a Deus e a Santo Antonio.»

Recommendações especiaes

Uma graça para um assignante de Guaratinguetá, para elle ser feliz em certos negocios espirituaes e temporaes.

Duas necessidades (Valloura).

A conversão d'uma desgraçada que não se confessa ha 4 annos; que deseja sair d'aquelle estado, mas não tem forças para vencer-se.

A reconciliação sincera entre duas pessoas.

Um sacerdote que trabalha por vencer uma inclinação perversa.

Dois negocios de muito alcance.

Os missionarios franciscanos (Beira).

Uma fundação religiosa.

E, em geral, as necessidades recommendadas por escripto nos nossos centros da P. União do Pão dos Pobres.

OS NOSSOS DEFUNTOS

Pie Jesu, Domine,
Dona eis requiem,
Amen.

D. Anna da Conceição e Cunha, (Paradella) mãe de S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Arcebispo Primaz, a quem respeitosamente apresentamos a expressão do nosso pezame.

«Era, diz um jornal da localidade, um perfeito exemplar de esposa e de mãe

«Aos 83 annos de idade, era ainda o centro e a figura saliente d'uma familia feliz e boa. Era uma d'essas nobres creaturas antigas, virtuosas e austeras, que vão rareando na sociedade actual, e que hão-de sempre constituir o typo da verdadeira mulher».

Falleceu no dia 31 de março.

D. Anna Cotta. Falleceu em Varatojo, no dia 14 de março. Era senhora de exemplar piedade e modelo de virtudes christãs.

Possuindo abundantes meios de fortuna, a sua constante preoccupação era alliviar a miseria e soccorrer a pobreza.

Falleceu confortada com todos os soccorros da religião, muito resignada, osculando piedosamente o crucifixo e uma devota imagem de N. Senhora de Lourdes, e exclamando frequentes vezes: «Faça-se a vontade de Deus!»

Acompanharam-n'a á derradeira morada, a «Juventude Antoniana», de que foi insigne bemfeitora, a Ordem Terceira á qual pertencia desde 17 de julho de 1885, e varias outras irmandades. Pertencia tambem á Pia União.

Contava 93 annos de idade. Foi amortalhada no habito da Terceira Ordem.

Maria de Jesus Mello (Ribeira de Maria Affonso). Pertencia á Congregação da Juventude Antoniana.

D. Maria das Neves dos Santos Duarte Cordeiro. (Atalaia da Lourinhã). Era assignante da «Voz de S. Antonio».

Francisco Relvas, membro da Pia União.

Miquelina Gomes, idem

Emilia Barreira. idem.

José Luciano Allegre, estudante no Seminario de Braga, onde cursava o ultimo anno theologico. Todos pranteiam a sua morte, porque as suas virtudes o faziam crédor da maior estima. Pedimos a todos os associados uma lembrança particular, pela alma d'este nosso dedicado amigo.—*C. F. de Seabra*

Jeronymo Fernandes da Silva (Aveiro).

Manoel Machado Toste (Horta, Açores).

D. Maria Fernandes da Costa (Lisboa).

D. Clara da Rocha Pereira Pinto (Ponte do Lima).

R. I. P.

Secção Scientifico-Litteraria

S. Bruno

(Conclusão)

DUAS causas referem principalmente as historias a origem da vida eremitica, ascetica e monastica, — primeira as perseguições, — segunda a perversão e o desinfreamento dos costumes na cidade. Quem ousará affirmar que onde e quando ambas estas causas se reunirem, as ordens religiosas não tornarão a apparecer? Sendo a propria liberdade (então já adulta), e a philosophia nova (que d'ella está para nascer) as que lancem com suas mãos divinas a primeira pedra nos alicerces do primeiro convento renascido. Para que ambas ellas o façam com alvoroço e se applaudam de o haverem feito, basta que poucas e leves mudanças se introduzam na organisação das ordens religiosas. Mudanças leves e poucas, repetimos, porém necessarias e indispensaveis para harmonizar de todo o ponto este instituto com esta idade, deixando anniquilados os unicos e incontrastaveis argumentos, com que os mundanos até hoje téem esbombardeado os retiros espirituaes.

Adstricto cada mosteiro á regra sempre sabia de seus primitivos fundadores; — obrigado pelos superintendentes politicos e ecclesiasticos a não deslizar jámais d'ella,— marcados os justos limites ao seu adquirir, — designado o impreterivel numero dos seus professos — fechadas as portas da profissão á adolescencia, prolongado aos candidatos o prazo da sua provação, e sobretudo abolida a perpetuidade dos votos, (1) temerarios e nullos por sua natureza, votos superfluos para os corações que não mudam, perdidos, ty-

(1) Tornamos a lembrar o que a principio advertimos: avança o poeta algumas affirmações que, em bôa theologia, não podem sustentar-se.

Desculpe-o a sua recta e muito louvavel intenção.

rannicos e ruinosos para os que se arrependem, — e postos em logar d'estes, simplices votos annuaes, — soluveis ou renovaveis depois da experiencia, e só assim mantidos com gôsto, com amor, com devoção, com enthusiasmo, com perfeito contentamento; que se levantem apostados todos os ingenhos mais argutos a oppugnar uma tal instituição; com que pretexto? com o da liberdade? — Mas a liberdade, não é exclusiva! permitte a cada homem o ser feliz,— não pelas idéas e á maneira de outrem, ou de muitos ou da pluralidade, mas a seu proprio modo, segundo as necessidades da sua idade. A liberdade tem obrigação de permittir ao que viu sumirem-se-lhe no sepulchro os objectos das suas affeições terrestres, ao que se desenganou das mentiras da fortuna, ao que tem para adormentar um grande remorso, ou uma dolorosa paixão para extinguir, em summa a todos aquelles para quem o ermo, o altar, o silencio, a oração, a penitencia e a esperança se tornaram o unico remedio, o unico alvo de seus desejos instinctivos e salvadores, tem obrigação a liberdade, se o quizer ser, de lhes deixar no mundo um logar, para onde se asylem da desesperação e do suicidio!

Concedamos até por um momento a feia mentira de que estes homens de espirito, assim reunidos, deixavam, emquanto ahi permanecessem, de ser uteis aos seus outros concidadãos: quem deu á sociedade o direito para exigir serviços de quem nenhum serviço exige d'ella? Por ter nascido entre os homens, o homem não abdica de todo o jus, que tem naturalmente, de ser feliz pelo theor que mais lhe quadra, uma vez que não offenda nem incommode aos outros. O cartuxo ou o monge nada fazem que lhes seja defendido pela natureza; condemnando por supersticiosas as suas crenças, o philosophismo exerce um juizo tyrannico. N'este antigo pleito entre a cidade e o ermo,—o ermo que reprehende a cidade como corrupta; a cidade que apupa o ermo como mentecapto, nem o mundano nem o solitario podem ser juizes porque são partes: — obrigação é de ambos tolerarem-se mutuamente: não podendo o monge mais do que prégar contra o que no viver profano lhe parece peccaminoso, e o philosopho de clamar contra o que no deserto lhe parece a elle fanatismo.

A disputa é licita, nem póde deixar de a haver: mas o que não é licito é que o philosopho quando chega a legislador abuse da força para destruir o seu adversario. Finalmente quando o religioso, adoptada a sua futura e inevitavel reformação, apresentar o sublime espectaculo do varão forte, captivo por escolha e livre no meio do seu captiveiro, composto e contente com a austeridade do seu destino, não deslisando nunca (porque não o poderia) da sua perfeição relativa, ficará sendo um espelho, e vivo exemplar de virtudes para o povo. Se o convento é demasiado espiritual, demasiado terrestre é a cidade; a presença ou visinhança do convento, sem a mudar na sua essencia, dar-lhe-ia um *quid* mais de espiritualidade, no que nada se perderia.

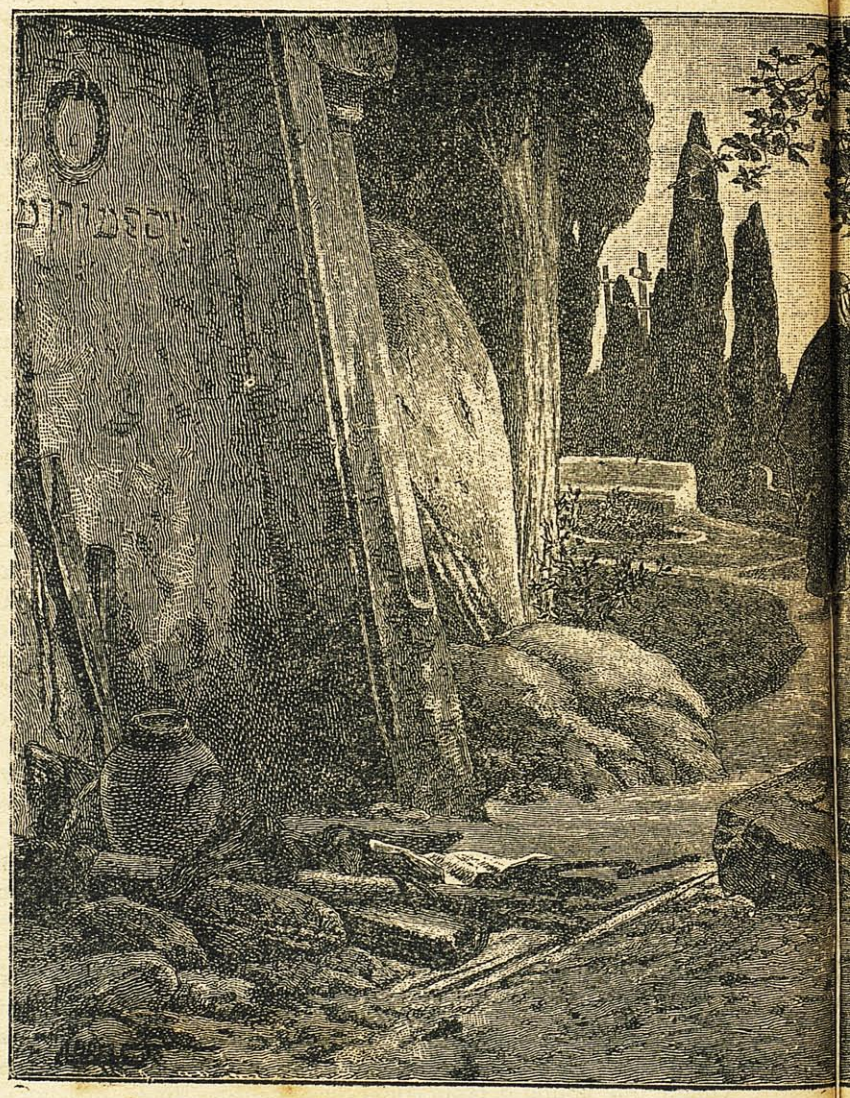
Se os cemiterios são visinhos de bom conselho para o povoado, se os proprios romanos pagãos semeavam os tumulos pelas órlas de suas vias publicas, porque se temerá a prégadora presença d'estes homens, que são meio entre a vida e a morte? Se nas universidades são ensinadas a moral e as leis, porque se affastaria o convento que as ensina pela practica? Se ao erro e á impiedade existe franca a imprensa, e a conversação — se o proselitismo heretico e desnacionalisador nos mina e contamina de todas as partes, porque se tolheria uma gotta de balsamo, onde tão ampla chaga está crescendo; entre tantas serpes e viboras um dictamo; entre tantos espinhos para as almas delicadas algumas rosas fragrantes que as suavisem?

Oh! quando chegará este dia tão de benção para os interesses moraes e religiosos como para os interesses physicos e terreos! Desterrae então, se quizerdes, os homens da sublime vocação, mas seja para as paragens agrestes e ainda incultas de nossas possessões alem-mar, seja para os semiafricanos paramos d'essa desconsolada provincia transtagana! Desterrae-os e esquecei-os. Passados poucos annos elles vos pagarão o desterro, restituindo-vos a mesma terra, que por morta desamparastes, já viva, formosa, e fecunda com o seu regaço cheio de fructos e filhos; á aridez haverão succedido as fontes e os ribeiros, ás calmas os arvoredos, ás féras por entre espinheiros, casaes e aldeias rumurosas, mui brancas, mui lêdas, mui activas, mui bem coroadas aqui de searas, além de vinhas, mais longe de amoreiraes, de olivaes, de pastíos retouçados de rebanhos e manadas; os carros as-

soberbados de abundancia cantarão ao longo dos novos caminhos; a alegria cantará tambem o seu agradecido hymno religioso no fundo de todos os corações; o proprio clima d'antes refugido por malefico haverá cedido a vez a mais puros ares: e todos estes milagres a que as leis se não atrevem, havel-os-ha feito um sino de oração, balançado pela mão d'um solitario, sobre uma igreja humilde nas entranhas de um descampado.

Apressemo-nos — meus amigos apressemo-nos de tornar áquella caverna, não já sepulcro nem prisão, porém escola de virtudes, toucador escondido, onde a alma se atavia para eternas bodas; palacio dos contentamentos sem remorsos; matriz recondita de prosperidades para os povos; escuro vestibulo e incantada porta de bemaventuranças. A alampada, similhante aos espiritos debeis, cançou-se de arder e não allumia já senão tibiamente; mas a oração resplandece ainda com a mesma viveza no rosto, nos olhos, na postura e nas mãos juntas do santo; mãos descarnadas e resequidas, como as raizes das plantas silvestres, que o alimentam; a noite, que velamos em discutir o ermo, vêde como a levou elle toda em orar amorosamente pelo mundo de quem fugiu, embrenhando-se n'este, para nós outros os profanos, alpestrissimo degredo, — para elle e seus companheiros terreal paraizo, passeado de anjos, e em cujo cume, quando todo o orbe se desfaz em temporaes, assenta o Iris uma de suas extremidades engolphando a outra, longe de olhos humanos, pelos céos a dentro. Oh! que acertada não será a sublime devisa, que, andando os tempos, tomará para si esta penitente corporação! Um globo dominado pela cruz que lhe sirva de eixo com a lettra — *stat crux dum volvitur orbis!*

A'cerca do peregrino viver d'este homem, em cada hora do dia e da noite, quem ousaria interrogar os seus confidentes unicos, estes rochedos tão silenciosos como elle?! Dissereis, que d'elles nasceu sem coração, nem sentidos, quem entre elles assim jaz, tão desquitado e esquecido de tudo o que se mais préza: e enganar-vos-hieis. — Sangue esclarecido gira em suas veias. Abriu os olhos entre as magnificencias do luxo; foi creado nas delicias. Saboreou-se desde a infancia na conversação dos livros, e dos



AS MULHERES NO S

sabios; foi sabio elle mesmo; professou nas escolas de Colonia, sua patria, as lettras sacras e a philosophia. Creou discipulos abalisados que mais afamaram o seu nome; e occupou na Igreja eminentes logares. Por mais d'uma vez escondeu a cabeça para a esquivar ao pezo da mitra, que lh'a ameaçava. Tudo conheceu e experimentou; com tudo rompeu e fugiu.

PULCRO DE CHRISTO

De Colonia e de todo o universo só levou comsigo seis espiritos escolhidos; — discipulos e sequazes de seu fervor. Postos a caminho com seus bordões de romeiros, sem ainda saberem para onde, fiando á Providencia a escolha do seu deserto, sem olharem para traz, sem levarem de todo o seu cabedal mais do que os seus livros, e a consolação de terem deixado o restante a alegrar pobres, a *Grenoble* se dirigem, ao som de fervorosos hymnos, em demanda do santo prelado *Hugo*, de quem esperam conselho e favor para o desempenho e complemento do seu designio.

Dormia no seu grabato o penitente, o apostolico varão, quando por sonhos, — dizem as chronicas — se lhe afigurou vêr sete candidissimas estrellas correndo apressadas para os visinhos e inhospitos montes da Cartuxa, por entre cujas brenhas e asperezas se occultaram. No sonho cogitava, já acordado, sem lhe rastrear o sentido, quando á porta lhe bateram os sete peregrinos. Ouvindo de suas boccas o proposito, que os trazia, julgou obedecer á Providencia, conduzindo-os elle mesmo á suspirada solidão d'aquellas serranias, só conhecidas das aguias e das tempestades.

Foi o dia da partida aquelle do anno, em que a terra, a agua, e céo mais parecem estar folgando, com ser consagrado ao Baptista, ao penitente, ao solitario por excellencia. — Folgava a cidade, folgavam os campos, — mais folgavam ainda elles que atravez dos campos fugiam das cidades para sempre. Ali entre aquelles penhascos desamparados, onde só muitos seculos depois veio a haver o a que se podesse dar nome de templo e de mosteiro, sobraram por então á impaciencia dos duros militantes, e por muitos annos lhes ficaram bastando umas cavernas e choças, onde, separados vivessem uns de outros, na contemplação, no estudo, na cópia e composição de livros, na cultura d'al-

gumas hervas pelas brenhas; não se reunindo senão para se afervorarem mutuamente pela oração na capella da Mãe de Deus, não ataviada de oiro ou sedas, mas só das ramas e flôres agrestes, nascidas como que a descuido de longe a longe, por entre as fendas e despenhos dos precipicios, aos repellões dos ventos gélidos dos Alpes.

Os antigos eremitas do Oriente viviam ao menos sob um céo benigno, entre virações tepidas, que embalavam por cima de suas cabeças arvores frondosas e perfumadas; viviam com pouco, mas era em clima, onde com pouquissimo se contenta a natureza.

— Aqui são mais valentes as provações; quanto mais imperiosas bradam as necessidades, tanto mais o heroico enthusiasmo as desattende. São poucas e quebradas as horas do somno sobre o leito da terra: perpetuo o trabalho do corpo e do espirito; o jejum de todo o anno; a meza de hervas, sem mais condimentos nem salsas, que uma pedra de sal em sós dois dias da semana; o vinho em nenhum caso; a carne até nas mais graves molestias defendida; o silencio só interrupto pelo orar: como os orgãos entre os instrumentos musicos, estas vozes entre as vozes humanas só resoam para os louvores do Omnipotente ou para as preces. — E dentro n'estes corpos, sempre mortificados dos cilicios, moravam almas sempre contentes; alvas e candidas, como os habitos que os a elles revestiam, puras e scintillantes como as estrellas que os lá guiaram.

N'este asperrimo berço nasceu a vida eremitica do occidente, que tão copiosa se veio a propagar, e por sete seculos tem persistido, sem nunca em parte alguma desmentir ponto de sua primitiva perfeição.

Que se levantem agora os seus adversarios, que os olhem bem em face e lhes digam: — «Fizemos e valemos nós mais; temos mais esforço e hombridade».

Os servos de Deus abaixarão a cabeça e não lhes tornarão resposta.

Que insistam ainda: — «A vossa louca penitencia é um suicidio prolongado».—Não lhes redarguirão elles, que um anno só de vida infréne nos prazeres e martyrios do mundo, corta mais pelas forças, que dez annos de trabalhos. Ficarão calados, mas as suas veneraveis cãs dirão eloquentemente setenta annos, noventa annos, um seculo.

Clamem depois furiosos: — «sahi: deixae-nos os vossos mosteiros, que todas essas riquezas nos pertencem».

E elles sahirão obedientes e sem murmurar, sem levarem nada mais, que a sua cruz e as suas saudades. Os philosophos então que entrem, rindo de ufania, a tomar pósse dos thesouros; — só encontrarão a pobreza. Sahirão confusos, acharão o frade expulso como a ave implume lançada abaixo do seu ninho, despojado até do seu habito, sentado n'uma pedra á borda do caminho, olhando ainda para o tecto, a cuja sombra envelheceu, chorando e fenecendo á mingua. O frade estender-lhe-ha de longe a sua mão veneravel, o philosopho voltar-lhe-ha as costas, imaginando que é a fome; — a fome, obra sua, que lhe pede esmola.

E enganar-se-ha o philosopho.

Aquella mão levanta-se pela ultima vez para lhe perdoar e abençoa-lo.

A. F. de Castilho.

Lagrimas

Oh! lagrimas d'amor e piedosas
cahindo como perolas mais frias
sobre as folhas dos lyrios e das rosas.

Dôces gottas de luz adamantinas
expressando das almas anciosas
as horas de venturas, peregrinas.

Oh! lagrimas d'amor ainda quentes
cahindo pelas faces maceradas,
dos pobres, afflictos e doentes.

Oh! lagrimas que sois as alvoradas
das mães extremecidas e ardentes
ao pé das creancitas adoradas.

Oh! lagrimas d'amor d'um casto seio
aspirando mil sonhos de ventura
no mais celestial e dôce enleio.

Oh! lagrimas que sois a formosura
no meigo olhar sereno e sem receio
de que a sorte lhe seja amarga e dura.

Oh! lagrimas d'amor, magua sem fim
que o seio vem ferir e despedaça
como á pobre viuva de Naim.

Lagrimas como notas de desgraça

rolando pelas faces de setim
como sombra de morte que esvoaça.

Oh! lagrimas de jubilo e de encantos,
perolas de amor e de anciedade
como choram os justos, mais os santos

Oh! lagrimas de toda a humanidade,
oh! lagrimas tão dôces cómo os cantos;
de justiça, de luz e liberdade.

Vós todas reunidas n'um sacrario
ornado da mais rica pedraria
do mais bello e custoso relicario,

Vós sois palida sombra da valia
das lagrimas ardentes do Calvario
choradas pelos olhos de Maria.

COSTA GOODOLPHIM.

BIBLIOGRAPHIA

CARTAS ENCYCLICAS *do Santo Padre Leão* XIII *aos Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos de todo o mundo catholico.* — Do incançavel Editor, snr. José Fructuoso da Fonseca, um benemerito da causa catholica em Portugal, recebemos os tres volumes até hoje publicados d'esta importantissima obra. Seria superfluo encarecer o valor da publicação. O augusto Pontifice tem-se imposto por tal fórma á admiração do mundo inteiro, que as suas encyclicas passam hoje, ainda mesmo aos olhos d'aquelles que vivem fóra do gremio da Igreja, como verdadeiros monumentos de sciencia, nos quaes téem cabal solução as principaes questões que hoje preoccupam os sabios sociologos e reformadores.

Não ha, com effeito, questão momentosa e importante na actualidade que não tenha sido objecto de algum d'esses brilhantes documentos pontificios; socialismo, philosophia escolastica, constituição christã dos estados, christianisação da familia, abolição da escravatura, as questões operarias, a maçonaria, a liberdade — a tudo tem consagrado momentos de estudo a actividade espantosa do Grande Pontifice.

Os tres volumes publicados comprehendem as Encyclicas de Leão XIII até ao anno de 1896. O 4.º volume já está no prelo, e sairá brevemente á luz. A traducção é bem feita, e a revisão da obra foi confiada á reconhecida, competencia do snr. Padre Manoel Marinho. Téem, pois, os leitores todas as garantias desejaveis de que farão uma boa acquisição, comprando os preciosos volumes. E será, álem d'isso, um auxilio á casa editora; pois ninguem ignora que os seus intuitos são absolutamente alheios a toda e qualquer especulação pecuniaria, e só tendem a servir a boa causa.

O preço de cada vol. é 500 réis. — Pedidos ao Editor, snr. *José Fructuoso da Fonseca, — 72, rua da Picaria, 74 — Porto.*

DISCURSO *pronunciado na festividade solemne do Seraphico Padre S. Francisco de Assis, na Ordem Terceira do Recife, dia 17 de setembro de 1899, pelo Mgr. Augusto Franklin Moreira da Silva, Prelado domestico de S. Santidade* etc ... — Em linguagem bem cuidada e correcta, faz vêr como só na Igreja, e em modo particular nas prodigiosas instituições e exemplos de Francisco de Assis, ha remedio e cabal solução para a chamada questão social, e outras com ella relacionadas.

Agradecemos o exemplar com que foi honrada esta redacção.

O APOSTOLADO PELA IMPRENSA E A OBRA DOS SELLOS USADOS, *pelo academico Jeronymo Salgueiro.* — Um pequeno opusculo — 24 pag — em que o auctor põe em evidencia a grande força de que dispõe a imprensa; tal é o objecto da 1.ª parte. Na 2.ª, referindo-se em especial á obra dos *sellos usados*, mostra quão valioso auxilio poderia valer-lhe a propaganda pela imprensa. — *Preço do opusculo, 120 réis. — Pedidos ao auctor: R. de S. Victor, 10 — Braga.*

CATECISMO OU BREVE COMPENDIO DA DOUTRINA CHRISTÃ *para uso dos meninos e meninas que se preparam para a Primeira Communhão.* — Recebemos e agradecemos um exemplar da 2.ª edição. Claro, conciso e completo, no seu genero, nada mais é preciso para que seja recommendavel o livrinho, que, além das demais qualidades, tem tambem a de ser em extremo barato: 20 réis apenas! Tem 48 pag.—Pedidos ao editor, *snr. Aloysio Gomes da Silva, 53, Largo dos Loyos, 54*—Porto.

ARCEBISPADO DE BRAGA. ANNO SANTO DE 1900 — Tivemos a honra de ser mimoseados com a offerta da bellissima Pastoral, em que S. Ex.ª Rev.ma, o Snr. Arcebispo Primaz, notifica aos seus diocesanos a solemne promulgação do jubileu d'este anno, e os convida a incorporarem-se na peregrinação que em breve partirá para Roma. Annexos á pastoral vêem tambem outros documentos relativos ao mesmo assumpto, formando tudo um pequenino opusculo de 33 pag.

Agradecemos, em extremo confundidos, a honrosa distincção da offerta.

AMPLIAÇÃO DO EDIFICIO E RELATORIO DA OFFICINA DE S. JOSÉ DO PORTO *pelo Padre Sebastião de Vasconcellos.* — São breves paginas, cuja leitura, sobremodo edificante, chega a commover e assombrar, evidenciando, na sua muda mas persuasiva eloquencia, os prodigios de que são capazes o zêlo e a boa vontade, postos ao serviço da boa causa, e fecundados pelo influxo sobrenatural da Providencia.

Ao benemerito Padre Sebastião de Vasconcellos o nosso agradecimento e o nosso applauso muito sincero.

RELATORIO E CONTAS DA COMMISSARIARIA DA TERRA SANTA EM PORTUGAL —Recebemos e agradecemos este relatorio relativo ao anno findo, de 1899. Reservamos para o numero seguinte o fa-

zer-lhe mais larga referencia, não o fazendo já n'este por falta de espaço.

Recebemos tambem as publicações seguintes:

Memorial dos habitantes da Ilha de S. Vicente de Cabo Verde ao ex.mo snr. Ministro da Marinha e Ultramar, redigido e apresentado em conferencia publica na sala dos paços do concelho, no dia 15 de janeiro de 1900 por Luiz Loff de Vasconcellos.

Relatorio e contas da Direcção da Associação de Soccorros Mutuos dos Fabricantes de Calçado de S. Chrispim e S. Chrispiniano e parecer do Conselho Fiscal. Gerencia de 1899.

Relatorio e contas da Direcção da Associação de Soccorros mutuos dos Alfaiates Bracarenses e parecer do Conselho Fiscal, relativo ao anno findo em 31 de dezembro de 1899.

REVISTAS & JORNAES

A Voz da Verdade (Braga). Entrou no 7.º anno de publicação, apparecendo agora em formato mais commodo, em fórma de revista, e consideravelmente melhorada na parte material e litteraria.

As nossas felicitações.

A Céres, revista illustrada. E' dedicada «ás industrias de lavoura, moagem e affins». Publica-se quinzenalmente. Muito interessante, collaboração variadissima e sclecta, e, sobretudo, muito pratica. Agradecemos a honrosa visita. — Escriptorio: *Rua Ferreira Borges, 187.*—Lisboa.

CHRONICA UNIVERSAL

ROMA

Padre Theodosio. — E' um franciscano illustre que, prégando a quaresma passada no vasto templo de S. Carlos do Corso, fez renovar o espectaculo presenciado em Roma por occasião das prédicas do Padre Agostinho de Montefeltro. O Padre Theodosio de Detole conta apenas 35 annos de idade; tem um profundo conhecimento do coração humano, sabe insinuar-se, ganhar e exercer sobre o povo uma influencia irresistivel, que por vezes se traduz em prolongadas salvas de palmas. O orador protesta solemnemente contra as ovações que o interrompem, chamando-lhes verdadeiras irreverencias á magestade de Deus, por isso que applaudem um homem onde só a Divindade deveria ser adorada.

A multidão respeitando algumas vezes a modestia do illustre religioso, reserva o seu enthusiasmo e as suas ovações para a praça publica onde todos se atropellam para vêr o Padre Theodosio, e onde o applaudem freneticamente. Presenciando estes triumphos da Igreja na pessoa de Fr. Theodosio, os amigos de Giordano Bruno recordam com maior desespero a prohibição do governo italiano contra as demonstrações que em fevereiro estavam planeadas a Giordano Bruno. Juraram vingar-se e o certo é que alguma coisa conseguiram; a auctoridade ecclesiastica previu maiores males, e para os evitar mandou fechar o templo de S. Carlos, ao que o Padre Theodosio obedeceu promptamente. Está actualmente residente no Collegio de Santo Antonio onde é muito procurado pelas pessoas mais distinctas.

Cardeal Vigario. — O Em.mo Cardeal Pedro Respighi foi nomeado successor do fallecido Cardeal Jacobini no cargo de Vigario de Roma. Nasceu a 22 de setembro de 1843 em Bolonha. Foi creado Cardeal presbytero do titulo dos Quatro Santos coroados no consistorio de 11 de junho de 1899.

O Cardeal Camillo Mazzella, da Companhia de Jesus, Bispo de Palestrina, falleceu em Roma nos seus aposentos do Collegio Germanico, victimado por uma pneumonia e uma angina cancerosa. Era natural de Vitulano e contava 66 annos de idade. Deixou algumas obras theologicas: — *De virtutibus, De Gratia Christi, De Deo creatore, De Religione et de Ecclesia.*

Congressos. — Durante as bellas festas do anno do Jubileu occuparão as attenções dois congressos que parecem prometter optimos resultados. O dos Terceiros de S. Francisco propõe-se compendiar os trabalhos importantissimos de todos os congressos anteriores congeneres, para que em união de planos e de vontades possam os Terceiros levar a cabo os desejos ardentes de Leão XIII, descobrindo simultaneamente novos elementos de actividade. Estava determinada a sua celebração para os dias 25, 26, 27 e 28 de maio, mas ultimamente foi tranferida para os dias 28, 29 e 30 de setembro. E' de esperar que o Congresso dos Terceiros em Roma será uma imponente manifestação do amor e adhesão dos mesmos Terceiros ao Chefe Supremo da Igreja, produzindo os fructos de benção que Elle deseja. E' de esperar ainda que os Terceiros de Portugal envidem todos os esforços para se fazerem representar dignamente.

— Ao Congresso dos Terceiros precederá o Congresso de archeologia sacra que deve realisar-se por todo o mez de abril. O Summo Pontifice nomeou protector do Congresso o Em.mo Cardeal Parocchi. Promette igualmente grande concurso e optimos resultados.

PORTUGAL

A nossa neutralidade. — A passagem das tropas inglezas pela Beira em direção á Rhodesia depois da declaração da nossa neutralidade em presença do conflicto anglo-boer, tem sido a ordem do dia na imprensa nacional e estrangeira. Diz-se termos sido forçados a esta deslealdade em virtude de umas *notas reversaes* annexas ao convenio de 1891, das quaes comtudo não consta, nem da sua approvação pelo parlamento, nem da sua ratificação pelo Rei. Eis a este respeito o parecer de um jurista allemão: — «a descul-

pa de se ter compromettido anteriormente a auctorisar essa passagem de tropas, em nada altera a questão de direito.

«E' possivel que Portugal, procedendo como procedeu, cumprisse uma obrigação de contracto para com a Inglaterra, mas não é menos certo que, para com os boers Portugal violou o sua neutralidade.

«Que diria a Inglaterra, se Portugal tivesse auctorisado a passagem de material de guerra para os boers por Lourenço Marques, sob pretexto de que um tratado anterior a isso o obrigava? Ter-se-ia atrevido Portugal, dada essa bypothese, a cumprir um tal tratado?

«Hoje pretende ter sido leal para com esse infeliz povo communicando a sua decisão ao governo do Transvaal. Porém os boers estão no absoluto direito, não obstante a tal pretendida lealdade, de tratarem Portugal como inimigo, ou ainda de exigirem d'elle, depois da guerra, uma indemnisação. O *Times* por sua vez fala nas «excepcionaes relações subsistentes entre Portugal e a Inglaterra, em virtude de tratados antigos, que vão até ao reinando de Carlos I e que ainda vigoram», diz que a Inglaterra, «está compromettida a dar a Portugal o auxilio da sua esquadra para todas as suas colonias e contra todos os seus inimigos».—Não nos consta, diz a proposito uma folha importante, que Portugal tivesse inimigos a não ser os que acaba de adquirir talvez por um acto inqualificavel. Além d'isso é para se conseguir um auxilio directo para metter entre dois fogos, e procurar esmagar um nobre povo, que defende a sua independencia e em frente do qual declaramos a nossa neutralidade, que se appella agora para os tratados do tempo de Carlos I de Inglaterra, e esses tratados não serviram nem para nos restituir Bombain; nem para nos restituir os restos mortaes dos portuguezes sepultos em Tanger e entregues pelos inglezes aos mussulmanos, sem a menor sencerimonia; nem para fazer que a praça d'Olivença nos fôsse restituida pelos hespanhoes; nem para nos livrar do predominio militar dos inglezes sendo para isso necessaria a revolução de 1820; nem finalmente, nos nossos dias para nos poupar á affronta do *ultimatum* inglez de 1890 e suas expoliações subsequentes!... A Inglaterra está compromettida a dar-nos o auxilio das suas esquadras para todas as nossas colonias, e contra todos os nossos inimigos, mas os allemães arrebatam nos Kionga, e as esquadras inglezas ficaram a pavonear-se nos mares!...

Em contraposição o *Univers*, inclina-se benignamente em nosso favor e desculpa-nos dizendo: «Portugal tem effectivamente o direito de responder a esta Europa continental tão prompta a escandalisar-se: Que posso eu fazer? vós que tanto gritaes contra mim que tendes feito pelo Transvaal? E depois, se eu tivesse contestado á Inglaterra o direito de desembarcar as suas tropas na Beira ter-me-ieis vós auxiliado?...»

A arbitragem de Berne. — A questão da arbitragem relativa ao caminho de ferro de Lourenço Marques acaba de ter o seu desfecho depois de onze annos de pleito.

A questão foi sujeita ao tribunal arbitral de Berne, compromettendo-se Portugal a pagar a somma fixada por este tribunal no espaço de seis mezes depois da sentença

Esta somma é de 15:314:000 francos além dos juros simples á taxa de 5 p. c., o que deve elevar aquella quantia a cêrca de 24 milhões de francos ou seja em réis, ao cambio de 260 réis o franco 6:000 contos.

Parece ter havido quem esperasse uma sentença mais desfavoravel, e quem suppuzesse que a indemnisação não iria além de mil a dois mil contos; mas segundo diz pessoa auctorisada a sentença do tribunal de Berne deve ser considerada perfeitamente correcta e justa. A quantia é importantissima, como se vê; particularmente para um paiz como o nosso no entanto o governo assegurou encontrar-se inteiramente habilitado para satisfazel-a.

FRANÇA

Exposição. — Telegrammas vindos de Paris annunciam a inauguração da Exposição de 1900, celebrada no dia 14 á tarde.

— O presidente Loubet sahiu do palacio do Elyseu á uma hora e 45 minutos da tarde, em «landau» de gala, sendo acompanhado pelos ministros á excepção do snr. Gallifet, ministro da guerra impedido de comparecer.

Chegou á sala das festas ás 2 horas, e em seguida saudou os representantes das potencias e commissarios estrangeiros. Depois, ao tomar logar no estrado, os personagens officiaes, embaixadores e commissarios estrangeiros acclamaram o snr. Loubet, tocando a orchestra n'essa occasião a Marselheza. Quando o snr. Loubet se levantou para discursar romperam de todos os lados da sala applausos unanimes. O presidente começou o seu discurso por dizer que a republica franceza, convidando os povos á Exposição, não quiz abrir apenas um concurso para as maravilhas visiveis — os seus pensamentos fôram mais longe: quiz apresentar uma contribuição luminosa para o advento da concordia entre os povos, e trabalhar para o bem do mundo; assim, a Exposição desenvolverá o sentimento da solidariedade humana. O presidente agradeceu a todos os governos que prestaram o seu concurso á Exposição e a todos os collaboradores d'ella. O discurso do snr. Loubet foi ouvido de pé pelos commissarios estrangeiros junto da Exposição. Ao terminar, os applausos dos estrangeiros presentes romperam de todos os lados da sala. O discurso do snr. Millerand ministro do commercio tambem produziu boa impressão.

Os jornaes parisienses são unanimes em consignar que a festa foi esplendida. Notemos no entanto, a ausencia completa do nome de Deus...

A affluencia de povo foi espantosa; as entradas pela porta monumental fôram calculadas em 3:000 pessoas por minuto.

— A participação das obras catholicas na Exposição foi approvada pelo Papa e incitada pelo Em.mo Cardeal Arcebispo de Paris. Levantar-se-hão 2 pavilhões: um será destinado ás missões e o outro ás obras economicas e sociaes. LEÃO XIII dignou-se permittir á commissão reunir um certo numero de objectos pertencentes á collecção ethnographica do museu Borgia da Propaganda para figurarem na Exposição Universal, no pavilhão das missões francezas. A embaixada de França junto do Vaticano e ministerio dos negocios estrangeiros

houveram por bem prestar o seu auxilio para assegurar o transporte nas condições de absoluta segurança. Esta representação das obras catholicas contrasta singularmente com a inauguração da Exposição feita sem um unico acto religioso, especie de atheismo contrario ao uso seguido por todos os paizes que costumam consagrar por um d'esses actos as festas internacionaes. E o contraste é ainda mais evidente quando se observa o procedimento do presidente de ministros Waldeck-Rousseau, que se tem prestado ultimamente a subscrever : — o projecto de supressão da liberdade de ensino, regeitado pela commissão ; o projecto de supressão da liberdade de associação, ainda pendente ; projecto de lei castigando os ministros do culto que desagradarem ao governo, regeitado pela commissão parlamentar; a circular aos bispos prohibindo missões prégadas pelo clero regular, e o discurso do mesmo presidente attribuindo ao Papa os *artigos organicos* promulgados por Napoleão e nunca reconhecidos pela Santa Sé Em consequencia d'esta perseguição do governo os padres Assumpcionistas deixaram de redigir.

La Croix.— Occupam-se sómente das obras do Oriente e das outras publicações da *Bonne Presse*. Paulo Féron-Vrau, catholico fervoroso, e amigo da *Croix* offereceu-se para a comprar e a casa da *Bonne Presse*. Vae consagrar a esta obra os recursos da sua fortuna, do seu talento e da sua vida.

INGLATERRA E TRANSVAAL

A guerra. — Continua a ser favoravel para os boers, a quem a fortuna parecia querer deixar quando Cronje cahiu em poder do inimigo Apesar da privação de communicações directas com o mar, e apesar de estarem envolvidos n'uma praça sitiada que não podia ser soccorrida do exterior, como diziam os jornaes inglezes.

Os boers, continuam passados 6 mezes, a manter-se n'uma posição honrosa. Mafeking conserva-se em grandes agonias e o exercito de lord Roberts, o libertador de Ladysmith corre o perigo de ficar manietado no estado livre d'Orange. Roberts já não póde contar com a estrada de Kimberley-Jacsbsdal, por onde transitou para ir a Bloemfontein, e onde actualmente os comboios de viveres passam com grande difficuldade por causa dos boers. Segundo um jornal belga os boers estão bastantemente senhores d'essa linha para impedir que os inglezes se sirvam d'ella, como principal via de retirada para o Cabo. Entretanto lord Roberts mostra-se tranquillo e não parece disposto a fraccionar as tropas. Parece que o seu cuidado principal seja manter em circulação os caminhos de ferro para o Cabo, afim de receber d'ali, os cavallos, os viveres e a agua, assim como os uniformes de inverno que ficaram em Inglaterra por se julgar que a campanha terminaria em breve. As forças boers no Natal segundo um correspondente inglez estão avaliadas em 7:000 homens e no Orange em 35:000.

Kruger protestou energicamente contra a deliberação do governo inglez que mandou para Santa Helena, Cronge com os outros prisioneiros.

VARIA

A COMMUNHÃO SEMANAL. — O Padre Coubé falou ácerca d'este assumpto no congresso eucharistico de Lourdes, procurando provar que esta devia ser a pratica geral de todos os fieis, e não já d'algumas poucas almas de eleição. A these, que foi honrada com a approvação formal de 45 bispos, acaba agora de receber a mais alta recommendação e consagração difinitiva na seguinte carta de S. Santidade Leão XIII ao auctor.

E' do teor seguinte :

«Leão XIII, Papa

«Querido filho : saude e benção apostolica.

«No tempo presente e no estado actual das coisas, todos os espiritos rectos e piedosos vêem com dôr, que o ardôr na confissão da fé e a antiga pureza de costumes se vão desapparecendo de entre bom numero de homens. Se investigamos a causa do mal, vamos achal-a principalmente no facto de que o amor e uso do Banquete Eucharistico vae esfriando entre a maior parte, e entre os demais já de todo pereceu.

«E' o mesmo que deplorava o Apostolo, escrevendo aos de Corintho : «*Eis a razão por que muitos entre vós são fracos e muitos de todo se pereceram já*». Ha n'isto coisa de maravilhar? Só poderá cumprir os deveras da vida christã aquelle que se houver revestido de Jesus Christo, e não póde revestir-se de Christo senão quem frequente a meza Eucharistica.

«Por essa frequencia, com effeito, vem Jesus habitar comnosco e em nós permanece e nós n'elle. Os que trabalham pela affirmação da fé e correcção dos costumes, téem muita razão quando todos se esforçam em persuadir aos catholicos que se approximem o mais assiduamente possivel da meza do Senhor ; quanto mais ella se frequenta, mais opimos são os fructos de santidade que d'ella derivam.

«E pois que vós, querido filho, trabalhaes nobremente n'esse intuito, e vos deliberaes reimprimir os discursos solemnes que sobre a materia haveis pronunciado, com todas as véras de nosso coração alentamos vosso desejo e vosso zêlo, e muito desejamos que um grande numero de catholicos se habitue a receber cada semana o Sacramento do Altar. Entretanto, em testemunho de nosso amor e como penhor dos favores divinos, nós vos concedemos affectuosamente a benção apostolica.

«Dada em Roma, a 10 de janeiro de 1900, XXII anno de nosso Pontificado».

LEÃO XIII, Papa.

ENTRE AMERICANOS. — Um relojoeiro americano, M. Buck, construiu uma machina de vapor completa, com a sua caldeira e o seu regulador e a competente bomba de alimentação, que tem apenas 16 milimetros de altura, e cabe debaixo de um dedal.

Tres gottas de aguas é o bastante para encher a caldeira.

Esta machina em miniatura é composta de

cento e quarenta peças distinctas, ligadas por cincoenta e duas cavilhas e funcciona tambem como qualquer grande machina.

E' emfim uma maravilha mechanica.

—Um outro americano, um habitante de New-Haven, construe actualmente, no cimo d'uma collina, uma nova arca de Noé. Diz elle que Deus lhe revellou que a terra vae pagar os seus crimes com um novo diluvio e que o Senhor lhe mandou construir a arca para elle e mais vinte pessoas *em graça*. O homenzinho pensou em construir a arca pelo modelo da de Noé, mas, depois de reflectir melhor, deu-lhe a fórma moderna de um hiate por offerecer mais probabilidades de salvamento.

Em alguma coisa havia de ter juizo, o maluco do homem.

— Ainda mais americanadas. Todos sabem quanto são frequentes na America as apostas, e como prova, eis algumas realisadas ha pouco em certos clubs parisienses do *high-life*, por americanos alli domiciliados:

«1.ª — A rainha da Inglaterra dará a alma a Deus antes do fim do anno 1900 a questão é se Deus lh'a acceitará...; 2.ª — Chamberlain será enforcado ou deportado no decurso de anno de 1900; 3.ª — Antes do 1.º de maio de 1900 os inglezes pedirão a paz, dando-se por muito felizes se puderem conservar alguns depositos de carvão em dois ou tres portos da Africa austral».

Ha avultadissimas quantias empenhadas n'estas previsões, e quem sabe se sairão certas?!...

Não sei. Aquelles 80:000 *bifes* que tem comsigo lord Roberts hão de ser duros de roer, que nem o demo...

Pornographia theatral. - Os auctores dramaticos catholicos da Catalunha reuniram-se n'uma associação para fazerem frente ás emprezas theatraes profanas, que tanto contribuem para a perversão dos costumes.

Os associados propõem se, em primeiro logar, levantar o theatro catholico de Barcelona até pôl-o em condições de poder competir com o theatro profano, compromettendo-se a submetterem á censura ecclesiastica todas as obras que escrevam e hajam de pôr em scena.

Muito digno de applausos e. . de imitação.

Um grande exemplo. — Com esta epigraphe escrevia *A Nação*, de 2 de fevereiro passado:

«Hontem entramos na igreja de S. Vicente, pelas 11 horas, e deparou-se-nos um espectaculo que nos surprehendeu tanto quanto nos commoveu.

«Creanças pobresinhas mas alegres, rodeiadas de senhoras bem conhecidas pela sua piedade, tendo junto a si duas religiosas Dorothéas, aprendiam a doutrina christã com o Venerando Arcebispo de Mitylene.

«Como o bom prelado deixava transparecer no seu rosto a alegria por se vêr acompanhado d'aquellas creanças imitando assim o bonissimo Jesus que dizia: «Deixae que os meninos venham até mim!» e como aquelles pequenos estavam radiantes de jubilo, vendo tão proximo de si, acariciando-os, um personagem de posição tão elevada!

«Acções d'esta, em que peze á modestia do venerando prelado, não podem ficar no olvido, e a *Nação*, que ha quasi sessenta annos vem defendendo intensamente os interesses da Igreja, folga de applaudir zêlo tão dedicado e de tão indiscutivel opportunidade».

Utilidades do rapé. — Lê-se n'uma revista franceza:

«Como todos sabem o tabaco é um veneno, mas como todos venenos podem ter em dadas circumstancias a sua utilidade.

«Prova-o a seguinte anecdota:

«Era no Conselho municipal de Vienna. Um certo individuo, ultra allemão, tomou a palavra e começou por invectivar acremente os seus adversarios politicos. Eis que um dos assistentes tira discretamente a sua tabaqueira da algibeira e a passa ao seu visinho com recommendação para circular por todos. Um minuto depois, dois terços dos membros da assembléa estavam espirrando com tal força, que o orador, desesperado e furioso, viu-se obrigado a renunciar ao uso da palavra».

Peço aos leitores que não divulguem o facto; porque, se os membros da nossa representação nacional se lembram de applicar a receita, farão tal concorrencia no mercado, que, ás duas por tres, só a pezo d'oiro nos será licito fungar uma pitada do maravilhoso *pósinho*...

Culto externo. — Certo litterato recebeu uma vez a visita de uma senhora, que tinha renegado a religião catholica, em que tinha nascido, para se alistar entre os *presbyterianos* (protestantes).

Começou esta a desenvolver as suas novas idéas, dizendo ao litterato, que acabava de chegar de um passeio:

«A religião catholica é falsa; não se póde negar: pois para que serve o culto externo?... Para que as cerimonias da Igreja? Deus é espirito, e não necessita de cousas materiaes. Por ventura Deus é mais honrado, porque lhe queimam incenso, ou lhe accendem velas e lhe fazem genuflexões? E' necessario adorar a Deus em espirito e verdade».

O litterato, que era bom catholico quiz dar-lhe uma boa lição.

Sem fazer caso do que ella dizia, nem lhe contestar palavra, despiu o *paletot* e o collete, ficando em mangas de camisa; tirou as botas e tomou os chinellos...

A senhora olhava-o de má vontade; comtudo proseguiu defendendo sua these.

O litterato tomou um cachimbo, encheu-o de tabaco e accendeu; depois, recostou-se em uma poltrona, cruzando as pernas, e poz-se a fumar, sem fazer caso da tagarella. Esta, indignada de vêr aquelles modos incivis, levantou-se furiosa, e exclamou:

«O senhor está-me insultando. Não tem a menor educação!... Como se póde comportar tão grosseiramente deante de uma senhora?»

«— Desculpe-me Vmcê, respondeu o litterato: eu aprecio-a muito; mas, segundo as suas theorias, julgo-me dispensado de tributar-lhe *culto externo*: basta o respeito interior que lhe professo...

A *doutora* improvisada houve por bem metter

a viola no sacco, e terminar a impertinente prelecção.

Effeitos do alcool. — No ultimo congresso anti-alcoolico, mr. Bienfoit combateu o alcoolismo com toda a força de um raciocinio esmagador e chegou ás conclusões seguintes, que transcrevemos:

«O alcool é um degestivo? — Não, porque a sua ingestão produz uma excitação passageira, nefasta ao bom funccionamento dos musculos estomacaes, porque o alcool anesthesia (insensibilisa) depois de a ter irritado, a parede do estomago, porque attrae o sangue á pelle e impede a acção do succo gastrico.

O alcool é um apperitivo? — Não, visto que produz uma excitação do estomago que determina uma sensação dolorosa, tomada illusoriamente pela fome.

O alcool é um alimento? — Não, porque não corresponde a essa definição, e as calorias que produz não servem nem para um aquecimento geral nem para uma acção muscular.

O alcool aquece? — Não, porque, de facto, ha um effeito de sangue á pelle e um esfriamento geral.

O alcool é um estimulante? — Em nenhum caso, visto que perverte e deprime a actividade physica como a actividade intellectual.

O alcool preserva dos contagios? — Não; ao contrario, dispõe o organismo a receber o contagio.

Não se poderia viver sem alcool? — E' um erro e um preconceito que numerosos factos demonstram.

O alcool faz bem ás creanças? — Não, porque é ainda mais toxico para as creanças que para os adultos.

O alcool não impede a longevidade — Diminue a, segundo estatisticas indiscutiveis.

O alcool não tem razão de ser senão como medicamento e não deve ser vendido senão pelo pharmaceutico e por conselho de medico.»

Vassoura inspiradora. — Estavam um dia á sua janella uma senhora fidalga, viuva e mui discreta, quando viu uma sua criada andar varrendo da loja para a rua, triste como a noite, afogueada como uma romã e chorosa como uma Santa Maria Magdalena. Vae ter com ella, e com suavidade lhe pergunta o que assim a pena?

Era o caso que a boa da rapariga tinha nascido de gente limpa e em casa farta, e em pequena tivera criada para a servir. Por morte dos paes caira em pobreza, o que a trazia a servir por casas alheias.

— Não se me dá do trabalho, soluçava ella; o que me custa é a vergonha: andar aqui a barrer á vista de quanta gente passa!...

A dama lhe toma das mãos, sem enfado, a vassoura, e se põe a varrer mui desassombradamente a testada da sua casa. Ficou a serva a principio a olhar para ella estupefacta; depois quizlhe ir á mão.

— Deixa estar, filha, lhe tornou a senhora; isto não me custa. Que vergonha é fazer a gente coisas uteis? Outras, que eram mais que tu e eu, as fizeram: a Virgem Maria (e mais era descendente de muitos Reis, e, emfim, era a Virgem Maria), tenho por certo que tambem varria a sua casinha, como tu ainda agora fazias; e o Filho de Deus com ser o Filho de Deus e o Senhor do céo e da terra, não viveu trinta annos em tamanha humildade, desde as palhinhas do presepio até ser prezo, esbofeteado e pregado n'uma cruz? Estou vêndo que Elle não havia muitas vezes de tirar a vassoura das mãos de sua Mãe Santissima para varrer em logar d'Ella!... Andae, filha, andae: não façamos nós de que nos envergonhemos, que lá o trabalhar no que se faz mister não é coisa porque hajamos de córar.

O sermão não fôra encommendado, mas foi pago: a criadinha, que era já boa, ficou optima.

Bom é archivar factos d'estes, não com a esperança de que entre nós se imitem, pois é o orgulho um dos nossos maiores defeitos; mas como honrosos para a humanidade.

Uma anecdota de Leão xiii. — Sendo Leão xiii Nuncio na Belgica, foi convidado pelo conde de Vallet para uma refeição intima. A's nove horas o Nuncio devia partir para casa do conde, e ao subir para o trem foi insultado com blasphemias por um operario. Um creado, agarrando o operario, ia dar-lhe uma boa correcção quando o Nuncio deixou que elle partisse e chamando-o falou-lhe d'este modo:

«Vem cá, meu amigo, e fica certo que não te quero mal»; e estendendo-lhe a mão depositou uma moeda de cinco francos na do operario, accrescentando que estava á sua disposição, se alguma vez d'elle necessitasse. O operario desfez-se em agradecimentos, partindo em seguida o trem a toda a brida.

O favorecido exaltava tão heroica acção e alimentava immenso desejo de pedir perdão sem saber como.

Atreveu se emfim um dia a apresentar-se na Nunciatura.

Foi recebido pelo Nuncio, que não só lhe perdoou, mas tambem o tomou ao seu serviço.

Este operario chegou a ser um fiel creado e regosijava-se em relatar esta historia.

Dada em Roma, a 10 de julho do anno do Senhor de 1898, vigessimo do nosso Pontificado.

LEÃO XIII, Papa.

E' preciso confessar que o curioso que se deu ao trabalho de forjar o documento, nem sequer soube dar-lhe a fórma que é de uso empregar-se em documentos de tal natureza. Mas não deixou de haver papalvos que se deixaram illudir; e agora mesmo acabamos de lêr n'um jornal, aliás serio e sensato, a reproducção do texto da *encyclica pontificia*, como elle lhe chama, accrescentando com toda a gravidade, que a concessão começou a vigorar em janeiro ultimo!

Ou muta ignorancia, ou muita malicia, ou muita boa fé.

E quantos elogios e encomios tecidos ao Summo Pontifice, por assim procurar fazer accessivel a todos o estado ecclesiastico, dotando a Igreja com clero mais numeroso, remediando escandalos, extirpando abusos, etc.!

Chega a sensibilisar-nos aquelle *interesse tão desinteressado* que os jornalecos, enfeudados aos filhos da viuva, tomam pela causa da Igreja, não deixando por mãos alheias o seu credito e bom nome...

Mas quem lhes encommendaria a elles o sermão?

Uns pandegos, a final de contas...

— O snr. dr. Miguel Bombarda (*pum*! Até o nome cheira a metralha e polvora queimada...) o snr. dr. Bombarda, medico de Rilhafolles (é suggestivo...) a proposito d'uma polemica scientifica entre s. exc.ª e o Rev.º Padre Sant'Anna, á mingua de melhores argumentos, lembrou-se de *esbombardear* com a polvora secca de sua rhetorica balofa as crenças catholicas de seu contendor, e, na pessoa d'elle, as de todos nós, chegando a insultar o que de mais santo e sagrado ha no coração humano — *a caridade*. São do dr. materialista os seguintes periodos:

«...Inventam-se todos os tramas caritativos para dar emprego a exercitos de irmãsinhas. A irmãsinha já é creatura indispensavel na sociedade portugueza: sem ella que seria de tantos velhinhos, de tantas creancinhas, que viriam a morrer ao desamparo, sem ella como se poderia acariciar tanto diminutivo enternecedor que vae preparando legiões fradescas e cohortes de santinhas beatas para poucos annos...»

E continúa:

«E' o bem que ha de acabar por quebrar essa arma poderosa de que tão habilmente se serve a moderna invasão de barbaros que estamos padecendo; será o fim da caridade christã que leva á seraphica protecção dos velhinhos e das creancinhas para conquista d'almas e de riquezas».

A pergunta escarninha e pungentemente ironica de s. exc.ª tem uma resposta muito séria, e muito significativa; são os factos que se estão dando no asylo de surdos mudos em Lisboa, onde não penetrou ainda o exercito das *indispensaveis* irmãsinhas (e bem indispensaveis, sem duvida...); são as arguições gravissimas, apoiadas em factos innegaveis e notorios, que se téem feito á direcção do Hospital de S. José, em Lisboa, e do Hospital de Santo Antonio no Porto, nos quaes tambem não penetram as indispensaveis irmãsinhas; são os processos, rigorosamente scientificos, sem duvida, mas nem sempre sufficientemente caridosos, de que se faz uso no proprio hospital de Rilhafolles, que deve ser bem conhecido de s. exc.ª

Queira s. exc.ª despir-se de suas preoccupações, visite os hospitaes civis de Braga, de Guimarães, de Vizeu, etc, onde penetraram já as taes irmãsinhas; ahi bem perto de Lisboa, tem institutos alienistas onde tambem penetrou já o elemento fradesco, e tem outros muitos institutos onde «as cohortes de santinhas beatas» com dedicação sublime se consagram ao allivio de todas as miserias da humanidade que soffre. Pergunte a esses milhares de infelizes de que lhes servem as irmãsinhas, de quanto lhes são devedores, e o que seria d'elles sem os seus carinhos. Passe depois pelos institutos *legos*; e, se quizer, conclúa a visita pelo seu hospital de Rilhafolles. Estabeleça o parallelo, coteje, e, se tem consciencia, pronuncie-se como ella lhe indicar...

Estranha descoberta, na verdade. Que fazem essas *Irmãsinhas dos pobres*, percorrendo as ruas e praças de Lisboa e Porto, e mendigando grosseiros insultos de envolta com a esmola material com que matam a fome a centenares de velhos, invalidos e desprotegidos? — E' muito claro: são uma «arma poderosa de que habilmente se serve a moderna invasão de barbaros»... «para conquista de almas e de riquezas.»

Que fazem essas mulheres sublimes, que deixaram tudo no mundo, onde porventura podiam viver no seio do luxo e da opulencia, brilhando na sociedade, e rodeadas de todos os confortos e felicidades humanamente possiveis,— que fazem ellas, pergunto, consagrando-se espontaneamente ao serviço durissimo d'um hospital, onde terão todos os dias ante os olhos o quadro repellente de todas as dôres e miserias? — Oh! Ninguem o ignora: são instrumentos de exploração, conquistam «almas e riquezas.»

Que fazem essas outras, que leccionam gratuitamente n'esses collegios e escolas, que administram esses asylos e institutos, desbravando intelligencias rudes, formando corações para o bem e para a virtude, suavisando com uns cuidados e carinhos mais que maternaes a desolação e abandono da orphandade, o desconfôrto da pobreza e da miseria, a dôr e tristeza da enfermidade — que fazem todas essas? — São uma «arma poderosa» habilmente manejada «para conquista d'almas e de riquezas.»

Para conquista d'almas, sim; porque a razão e a fé lhes dizem que ella existe, — em que péze ao snr. dr. Bombarda — e que é a porção mais digna e mais nobre do ser humano, destinada pelo Creador a um fim superior a quanto na terra se póde ambicionar para ser feliz e ditoso.

Mas conquista de riquezas, nunca! Quem espontaneamente se privou das que licitamente possuia e se despiu até da esperança e do desejo de alcançar outras, nunca poderá rebaixar-se até ao ponto de profanar a virtude, servindo-se hypocritamente da sua pratica, para locupletar se e enriquecer.

Montariol, 25-IV-900.

O CHRONISTA DA «VOZ».

Errata. — No artigo do fundo do numero passado (pag. 450, quasi ao meio da 2.ª columna) saiu impresso: «não é o comer carne que *iniqua* a alma», etc, quando devia ser: «*inquina* a alma», etc.

Advertencia. — Succede com frequencia que algum de nossos assignantes muda de residencia, e, não o havendo participado á redacção da «Voz», se queixa depois de que esta lhe não vae ter á mão — como se tivessemos obrigação de adivinhar o que se passa em casa de cada um dos nossos

assignantes! Pedimos a todos que, para utilidade sua e nossa, nos previnam sempre que mudarem de residencia.

Aviso. — Toda a correspondencia para o Thesoureiro da «Voz de Santo Antonio» deve ser dirigida da seguinte fórma: Domingos José de Sousa Gomes, *Pharmacia Sousa Gomes* — Braga

Prevenção. — Lembramos aos nossos estimaveis assignantes que, sempre que possam, façam a remessa de seus debitos por vale do correio, e não por carta registada.

E isto principalmente quando a quantia seja superior a nove mil réis.

Em carta avulsa nunca façam remessa de quantia alguma, porque correm o perigo de lhe ser apanhada no caminho, como, infelizmente, já tem succedido a muitas.

Pelo motivo de se terem aggravado os soffrimentos de nosso prestimoso e respeitabilissimo amigo Exc.mo Snr. Commendador João Francisco de Moraes, fica no Porto, de hoje em deante, prestando-nos a fineza de receber qualquer importancia destinada á «Voz de Santo Antonio» o Rev.mo Snr. Padre José Pinto de Moura, morador na Capella de N. Senhora dos Anjos, á rua dos Bragas.

LUIZ DE CAMÕES

OS LUZIADAS

Grande edição popular e illustrada

Sob a direcção dos insignes artistas Roque Gameiro e Manoel de Macedo

Esta edição de *Os Luziadas*, a mais monumental e mais economica de quantas se têem publicado até hoje, tem, como compete ao maior monumento da nossa litteratura e esta Empreza imprime á todas as suas publicações UM CUNHO VERDADEIRAMENTE NACIONAL, pois o papel é sahido de fabrica portugueza, o typo fundido na Imprensa Nacional, illustrada por artistas genuinamente portuguezes, e as photogravuras feitas igualmente por artistas portuguezes.

Para que a edição podesse ser recebida da parte do publico com toda a confiança, fôram a revisão e a prefacção d'ella entregues a um camoneanista illustre, erudito e poeta, o snr. dr. SOUSA VITERBO, socio da Academia Real das Sciencias, vulto que com as suas investigações historicas tantos serviços tem prestado ao seu paiz, e cuja competencia para trabalhos d'este genero é em absoluto reconhecida por quantos labutam n'esta lide dos trabalhos litterarios.

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Cada fasciculo de 2 folhas, de 8 pag. cada, in-4.º, grande formato, contendo cada fasciculo 2 explendidas gravuras, 60 réis; Cada tomo contendo 5 fasciculos ou 80 paginas, inserindo cada tomo 10 magnificas gravuras originaes 300 réis.

Veja-se o primeiro fasciculo em poder dos distribuidores e nas livrarias. Envia-se, mediante a quantia de 60 réis, a quem o requisitar.

Assigna-se na Empreza da «Historia de Portugal», Livraria Moderna—rua Augusta, 95, LISBOA.

Manual do Apostolado da Oração, *em união com o S. Coração de Jesus.* 9.ª edição approvada pelo Em.mo Cardeal Patriarcha. — Lisboa. Administração do «Novo Mensageiro do Coração de Jesus», 6, rua do Quelhas.

Brochado 240 réis, encadernado 300 réis.

A sahir do prélo

Pequena historia da Igreja. — Apresentada sob uma fórma apologetica Obra revista e completada por Mgr. Brouquard. Com mais de 100 gravuras no texto, e perto de 300 paginas. Cart. 400 réis.

Para propaganda: comprando 12 exemplares rs. 2$880, 25 exemplares, 5$500 réis, 50 exemplares 10$000 réis e 100 exemplares 18$000 réis.

Todos os pedidos devem ser feitos á casa editora: **Livraria Catholica Portuense,** de Aloysio Gomes da Silva — 53, Largo dos Loyos, 54 — **Porto.**

Estatutos da Pia União de Santo Antonio, 5.ª edição. Um folheto de 32 pag., contendo, além d'uma breve instrucção sobre a Pia União de Santo Antonio, com os respectivos estatutos, algumas devoções e praticas piedosas, particularmente destinadas aos membros d'esta Santa Liga. Preço de cada exemplar 10 réis.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Direcção. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Rev.º Padre director da «Voz de S. Antonio», Collegio de S. Boaventura — Braga.

Assignatura. — 1$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes accresce o importe do correio.